Apoio

Realização

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria da Educação*

COLEÇÃO MAIS PAIC MAIS LITERATURA

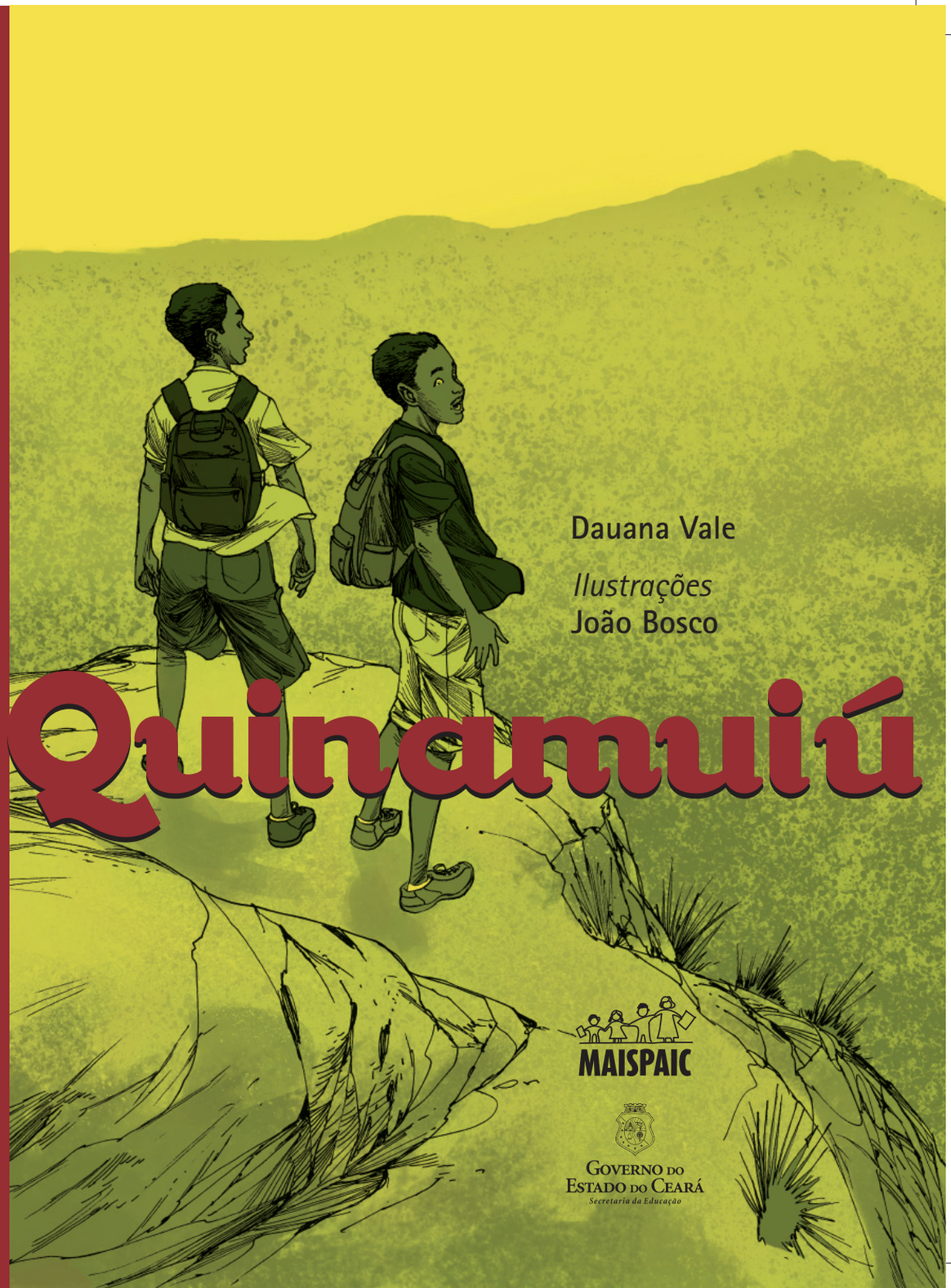
Este livro integra a Coleção Juvenil **MAIS PAIC MAIS LITERATURA**, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 8° e 9° anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: *http://www.paic.seduc.ce.gov.br*

ISBN 978-85-8171-240-6

VENDA PROIBIDA

Quinamuiú • COLEÇÃO MAIS PAIC MAIS LITERATURA



Dauana Vale

*Ilustrações*
João Bosco

# Quinamuiú

MAISPAIC

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria da Educação*

Coleção Mais Paic
Mais Literatura

Dauana Vale
*Ilustrações* João Bosco

# Quinamuiú

MAISPAIC
Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

**Copyright © 2018 Dauana Vale**
**Copyright © 2018 João Bosco**

*Governador*
**Camilo Sobreira de Santana**

*Vice-Governadora*
**Maria Izolda Cela de Arruda Coelho**

*Secretário da Educação*
**Rogers Vasconcelos Mendes**

*Secretária-Executiva da Educação*
**Rita de Cássia Tavares Colares**

*Coordenador de Cooperação com os Municípios (COPEM)*
**Márcio Pereira de Brito**

*Orientadora da Célula de Apoio à Gestão Municipal*
**Gilgleane Silva do Carmo**

*Orientador da Célula de Fortalecimento da Aprendizagem*
**Idelson de Almeida Paiva Júnior**

*Orientadora da Célula do Ensino Fundamental II*
**Ana Gardennya Linard Sírio Oliveira**

*Coordenação Editorial, Preparação de Originais e Revisão*
**Kelsen Bravos**

*Projeto e Coordenação Gráfica*
**Daniel Dias**

*Design Gráfico*
**Emanuel Oliveira**
**Eduardo Azevedo**

*Revisão Final*
**Marta Maria Braide Lima**
**Sammya Santos Araújo**

*Conselho Editorial*
**Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda**
**Sammya Santos Araújo**
**Antônio Élder Monteiro de Sales**
**Sandra Maria Silva Leite**
**Antônia Varele da Silva Gama**

*Catalogação e Normalização*
**Gabriela Alves Gomes**

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*

V149q Vale, Dauana.

Quinamuiú / Dauana Vale; ilustrações de João Bisco. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

228p. il.

ISBN 978-85-8171-240-6

1. Literatura infantojuvenil. I. Bosco, João. II. Título.

CDU 028.5

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria da Educação*

**SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará**
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325
(Todos os Direitos Reservados)

*Ao Amado, que ama o sertão.*

# Sumário


Cotidiano ..... 7

Bicicleta, a camarada ..... 21

Não ..... 41

Sim ..... 61

Perto do céu ..... 79

Uma mina ..... 109

Te (Me) Encontrar ..... 131

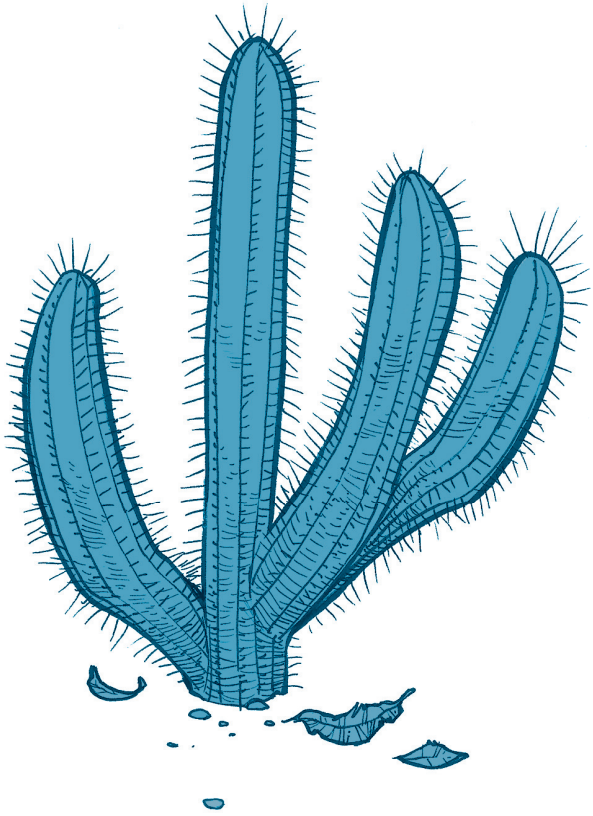
De volta para casa ..... 147

Para cada sol, um recomeço ..... 163

Silêncio e Agonia ..... 181

Tudo tem história ..... 203

Como nossos pais ..... 225



CAPÍTULO 1

# Cotidiano

O fim do mundo não fica no nordeste brasileiro. O fim da linha não está no sertão cearense, muito menos no sertão dos Inhamuns. Porque se há um lugar em que muita coisa acontece é lá. Trabalho, luta, tempos de estiagens, de ciências, de saberes, de experiências, outros tempos de raros períodos chuvosos e, assim, tantas histórias se misturam num trâmite de gentes.

Lá, no interior do interior do Brasil, naquele dia, o vento provocava um barulho assustador... As galhas secas balançavam, brigando com a natureza para não cair do caule cinza. E um rio inteiro banhando a várzea.

Em meio à mata e a animais famintos, está a fazenda Disparada, com o rio Mambê a contornando e uma bela plantação de legumes a colorindo. Aquele lugar certamente era especial aos olhos de quem vivia por lá e daqueles que por ali passavam.

— Aqui, por este terreiro, já vi muita gente zanzar – falou Seu Elisário.

— Pensei que só vinha aqui quem tinha negócio a tratar – comentou Manoel.

— Mais igi, de primeiro não tinha outra passagem pras Queimadas se não por aqui.

— E era?

— Você sabe que até cigano eu vi, menino?

— Acho que eu nunca vi um cigano. Se vi não sei. Como eles eram, pai?

— Num tempo passado, tinha muito cigano, era um monte deles, povo que vivia cheio de enfeite, lenço na cabeça, roupa colorida, joias, tinha deles que até dente de ouro possuía. Eles gostavam de cantar, dançar, fazer fogueira. Foram sumindo, pouco a pouco, nunca mais vi um por aqui. Há quem diga que Zé do Alto matou cinco de uma vez só, com espingarda.

— Valha! Por quê?

— Motivo não tinha muito não, viviam se estranhando por causa de terra, de ouro. Faziam rancho

nas terras dos outros e isso foi causando discórdia e matança. Desde que o mundo é mundo tem guerra entre os homens e acho que nunca há de se acabar.

— E como é que você sabe sobre essas histórias?

— Ainda me lembro, quando pequeno, nesta mesma calçada que nós estamos, o pai contando as histórias. A fazenda foi de vovó, herança de família, e eu um dia recuperei pra nós.

Depois da prosa, o silêncio tomou de conta da calçada. O sol estava a se pôr, impetuoso. O céu, de um lado alaranjado e do outro, recebendo lua e estrelas. A conversa aproximava pai e filho que mal se falavam. Manoel é o caçula dos três filhos e vez ou outra diverge com o modo de ser do Sr. Elisário. Num ditado popular, não se bicam. Enquanto Sr. Elisário foi criado em um regime patriarcal, Manoel estudava na cidade e já fazia intercâmbio com novas maneiras de conviver em família e em comunidade.

— Não acho certo matar alguém porque pensa diferente, ou porque vive diferente.

— E eu não acho certo cutucar conversa besta.

— Se eu fosse um cigano, compraria uma terra

bem boa, plantava uma horta e fazia minhas festas, queria ver quem iria se incomodar – resmungou em voz baixa, Manoel.

— O que é que você disse aí?

— Eu disse que... deixa pra lá.

— O que é que vocês estão teimando? – perguntou dona Fátima.

— Nada não, mãe, o pai tá aqui contando das lembranças dele, dos ciganos.

— Desenterraram assunto, foi?

— E não tá passando da hora da janta? – retrucou Sr. Elisário.

— Tá tudo pronto em cima do fogão, quer que eu faça seu prato, Elisário?

— Já era pra ter feito.

Seguiram os três em direção à cozinha, onde o fogão à lenha ainda tinha brasas acesas.

— Manoel, venha meu filho, quer coalhada ou quer baião?

— Quero os dois.

— Menino esgalamido – disse Elisário.

— Deixe ele, homem.

— Cadê Marcos, Fátima?

— Foi pro rio, se banhar, deve tá já voltando.

— E a Manoela?

— Tá com dor nas juntas, se deitou foi cedo. Coisa de moça.

— Dor nas juntas? – indagou Manoel.

— Ô menino pra perguntar, valhei-me Deus!

— Come, Manoel, come meu filho. Disse sua mãe lhe fazendo um carinho na cabeça.

Iluminados por duas lanternas (estavam sem energia elétrica naquela noite), acompanhados pela oração de Ave Maria que soava no rádio, pai e filho jantaram sob o olhar atento de dona Fátima, a postos, a dividir igualmente o alimento da família. Só comia depois que todos da casa já estavam alimentados.

— Elisário, você também quer coalhada? – perguntou dona Fátima.

— Não.

— Eu quero, mãe.

— Vai estourar o bucho, esse menino, é magro de ruim – esbravejou o pai.

— Manoel, você já comeu bastante, ainda tem seus irmãos.

— Fátima, pegue aqui esse menino, arme logo a rede dele, que Ave!

— Se ele se deitar agora pode mesmo estourar o bucho, vá pra calçada homem, vá, sossegue – respondeu dona Fátima.

Manoel quis rir da situação, mas se controlou. Às vezes, cutucava o pai só pra vê-lo esbravejar. De certa forma, não deixa de ser uma cena cômica, e Sr. Elisário ainda não se dava conta, caía sempre na esparrela do menino.

O som de assobios chegava aos ouvidos de quem estava na cozinha.

— Escute, é seu irmão – dona Fátima falou esticando o pescoço para visualizar quem se aproximava.

— Foi tomar banho no rio, mãe?

— Foi.

— Demorou demais, Marcos!

— Sabe quem tava lá pescando, mãe?

— Não, Marcos, quem?

— Seu Chico Noca.

— Não tem pescador com fôlego maior do que o Chico Noca!!! – disse Manoel.

— Tem mesmo não. Ele mergulha lá no fundo do rio, só com um arpão e volta com peixe – disse Marcos sorridente.

— Dá é uma agonia porque a impressão que se tem é de que ele não vai mais voltar, passa minutos lá embaixo!!! – Manoel falou admirado.

— Como será que ele consegue? Ainda vou fazer igual – disse Marcos.

— Deus dá um dom a cada pessoa, filho. Cada um sabe fazer uma coisa bem feita.

— Quem sabe ele deve ser um 'homem peixe'. Quando mergulha, vira peixe que nem tilápia, tucunaré.

— Mas, se fosse assim, ele não ia trair os amigos dele e trazer pra gente, né Marcos? – indagou Manoel.

A risada foi geral.

Manoela apareceu na porta da cozinha.

— Marcos é pior do que noiva pra se arrumar, eu nunca vi uma pessoa demorar tanto no banho, ainda mais num rio...

— Até parece que quer arrancar o couro – brincou Manoel.

— Se achegue que os pratos já estão feitos – ordenou a mãe.

— E cadê o prato do Manoel?

— Homem, nem fale não, que já comeu por dois – disse Manoela.

— Mas se sobrar o de vocês, eu como de novo.

— E o pai, já comeu? Marcos perguntou.

— Já, sim. Tá lá fora. Deixem ele em paz que hoje trabalhou por demais.

— Nós também – falou Manoel.

— Eu sei, vocês ajudaram muito, mas são novos, uns galalaus, têm saúde, têm mais é que ajudar.

— Tá certo, mãe.

A família de Sr. Elisário e dona Fátima são privilegiados com as águas do rio, mas como as chuvas foram poucas, a colheita de milho e feijão foi pequena, quase nada. Há de se economizar para aguentar até o próximo ano. Era mês de setembro.

— Vocês acabando de comer, não vão fazer zoada não – ordenou dona Fátima.

— Venham ver como é que o pai tá lá fora! —Manoel convocou os irmãos para mais uma presepada.

— Vamos sem chiar – disse Marcos saindo, devagar da mesa.

Em fila, com passadas mansas, chegaram até a calçada. Roncava alto Sr. Elisário, o ar fazia seu bigode balançar. Sentado num banco, escorado na parede e uma lagartixa posando em seu pé.

— Eita que o pai nem se mexe! – Manoela falou.

O latido do cachorro despertou o sertanejo, que logo percebeu que estava sendo observado.

— Que marmota é essa?

— Nada não, pai, a gente estava só olhando o senhor roncar – disse Marcos.

— Eu nem ronco, ainda mais estando de pé.

Aí a risada foi geral!

A esta altura, Manoel estava bem quieto, só observava. Ficou a ouvir o diálogo entre o pai e os dois irmãos. Eles já planejavam como seria o dia de amanhã, dividiram tarefas e preocupações.

— Vamos ter que achar uma solução para as pragas ou então vamos perder a safra.

— Há de se ter um jeito, pai – Manoela colocou a mão no ombro do pai.

— Não estou tão confiante.

— O agrônomo do governo vem amanhã, vai nos dar uma luz – lembrou Marcos.

— Tomara!

— Vai salvar muita coisa, acredite.

— Este feriado tá é comprido, já tá na hora de vocês tomarem um rumo de volta pras aulas.

— Eu queria ficar aqui, num quero estudar mais não – resmungou de cabeça baixa, Manoel.

— Deixe de doidice menino, você vê futuro aqui nesta luta de meu Deus? – Eu vejo.

— Pois olhe pra mim, olhe bem pra mim – alterou-se o pai – tá vendo o que acontece com quem fica lutando contra a natureza do sertão? Ora! Tô mais velho duzentos anos e ainda não tenho nenhuma garantia de estar vivo amanhã. Você quer isso pra você?

Manoel levantou-se com ar de coragem e disse:

— Não quero ser como você. Nem melhor, nem pior do que você. Só queria morar aqui, viver lá também não é fácil, você nunca foi nem lá pra saber como é.

— Manera aí, cara, o pai tá pensando no nosso futuro – disse Marcos.

— Esse menino me enfrenta de todo jeito. Tem prazer em me agoniar.

— Tenho não. E se eu for amanhã levar a verdura, volto assim que acabar a feira. Na mesma pisada.

— Você não é obrigado a estudar não, Manoel, ninguém tá forçando, mas é o melhor pra você,

acredite. Tentou amenizar dona Fátima, que correu à calçada ao ouvir a voz alta de seu marido.

— Eu vou ser mais útil na horta, limpando, plantando, colhendo na época certa – o filho caçula tentou argumentar.

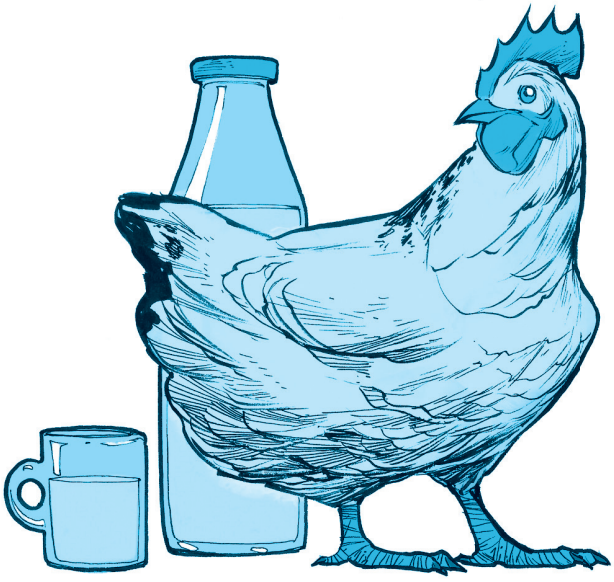
— Eu não vou mais discutir com você, vai estudar sim e acabou a conversa.

Para Manoel era difícil ter que sair de casa, morar em outro lugar, longe do carinho de sua mãe, ter que enfrentar o aperto financeiro com os irmãos numa casa alugada. Gostava do seu cotidiano na fazenda. Sonhava em possuir um cavalo e a própria horta. Já pensava até em se casar, com Mariza, menina dos seus olhos, faceira que só ela. O que o segurava nos estudos em Tauá era mesmo a obrigação imposta pelo pai.

Sr. Elisário foi criado no mato, no meio dos bichos, formou-se vaqueiro pelo sertão, não havia, no mundo, gado perdido que ele não desse conta, nem cavalo valente que ele não domasse. Casou-se cedo, ainda adolescente, porque queria sair de casa, ser livre para tomar suas decisões, trabalhar por conta

própria. A vida o fez rude. Antes mesmo de ele nascer, muito de si já estava traçado, já pairava em seus pais e em seus avós parte do que seria dele. Orgulhava-se do seu trabalho, da sua luta, como diz, mas imaginava que seus filhos pudessem levar a fazenda adiante, sem tanto sofrimento, com mais recursos, garantidos por uma boa formação profissional.

Para Manoel, isso tudo ainda não era claro, ele tinha outros desejos ou não queria que seus desejos fossem os mesmos desejos de seu pai.



CAPÍTULO 2

# Bicicleta, a camarada

Mal passava das cinco horas da manhã, o sol ainda estava escondido. Em torno do fogão à lenha foram chegando um a um. Primeiro a mãe que fez o café, depois o pai que trouxe o leite e, em seguida, os filhos. Uma família de "bezerros", loucos por uma caneca de leite fervido.

— Benção mãe, benção pai.

Eram as primeiras palavras do dia naquela casa.

— Deus o abençoe. Deus o faça feliz. Respondiam os pais a cada um que se aproximava.

— Manoela é esperta! Uma hora dessas e já aguou os canteiros de cheiro-verde! – falou Marcos, cutucando a irmã.

— Também, ontem ela dormiu com as galinhas! – Manoel disse.

— Marcos e Manoel, arrumem as bicicletas que vocês irão já descer.

— Tá certo, pai – Marcos respondeu.

— É pra ir cedo, senão poderão perder as vendas.

— Nós já temos nossa freguesia feita, estamos é vendendo bem – completou Manoel.

— Quero ver se é mesmo! – resmungou o pai.

— Pois se acheguem, meus filhos, tomem o leite com pão que dá pra pegar o sol frio – ordenou dona Fátima.

Os dois correram. Engoliram o café da manhã, encheram dois caixotes de beterraba e cenoura, os amarraram nas bicicletas.

— Tchau, mãe, até mais tarde.

— Vão em paz, meus filhos, tenham cuidado, estrada de chão maltrata.

— Tá bom! – acenou Marcos.

Da calçada já dava pra avistar a poeira que eles deixavam para trás.

— Quem vai abrindo as cancelas dessa vez? – perguntou Marcos.

— Você, né?! Eu que abri semana passada, lembra não?

— Lembro não.

— Pois caminhe, eu abro na volta – resmungou Manoel.

— Você é gaiato. Espertinho, você!

Saíram a pedalar. Como quem estava apostando corrida. Assobios, risadas e anedotas eram intercaladas pelo silêncio provocado pelo cansaço. A obrigação do trabalho se misturava à aventura de pedalar naquele chão batido, já se somavam inúmeras idas e vindas, num percurso de 18km entre a fazenda e o centro da cidade.

Uma vez por semana, os dois irmãos tinham a tarefa de vender parte da produção da horta na cidade. Iam às sextas-feiras porque era o dia que antecedia à feira, com isso garantiam a venda dos legumes. Como estavam de férias, passavam todo o período na casa dos pais na fazenda. Já em tempos de aula, geralmente, saíam da cidade no fim de tarde das quintas-feiras, voltavam com os legumes, cedinho, na sexta para a venda. A pé, de bicicleta ou na Van. Mas sem dúvida, de bicicleta eles se divertiam mais. Havia dias em que pedalavam direto,

sem nenhuma pausa até o centro, em outros dias pareciam admirar mais a paisagem, estavam mais atentos às surpresas no caminho, como num dia em que encontraram uma cutia atropelada. A pobre ainda se mexia, mas não resistiu aos ferimentos e morreu poucos minutos depois de eles a colocarem numa sacola, amarrada ao guidão de uma das bicicletas. Outra vez foram surpreendidos por uma senhora na pista que lhes pediam para ler suas mãos, com medo, aceleraram a pedalada e seguiram em frente. A poeira era o que mais lhes incomodavam, ardia nos olhos. E o jeito que tinha era correr para o sol não piorar a situação.

— E aí, vamos apostar corrida? – sugeriu Manoel.

— Rapaz, vamos não, o tio Zezinho se estatelou no chão nessa brincadeira, ficou só na carne viva.

— E tu é besta que nem ele, é? – desengonçado só pode é cair.

— Eu não! – Marcos retrucou.

— Então?

— Sério, não quero não.

— Tá bom – respirou fundo Manoel – venha cá, olhe ali.

— Ali onde?

— Ali na frente, Marcos

— O quê?

— Você não está vendo nada de diferente?

— Rapaz, estou não.

— O serrote.

No ponto em que eles estavam já dava para avistar a cidade que fica aos pés do Quinamuiú.

— Ah! Sim! E o que é que tem?

— Você tem coragem de subir nele, Marcos? Lá... em cima?

— Coragem eu tenho, só me falta uma oportunidade.

— Manoel, vamos arriscar um dia desses?

— Nós dois?

— É. Tenho curiosidade. Tenho medo também. Mas, mais curiosidade.

— Não tenho medo não, mas a gente teria que ir escondido do pai e da mãe.

— Escondido não dá certo, Manoel!

— E você acha mesmo que eles vão deixar a gente subir no serrote?

— Acho, porque vai um grupo grande com o padre Benício.

— Então não é pra ir nós dois.

— Vamos nós dois com o grupo.

— Assim não tem graça.

— E como é que tem graça?

— Nós dois. Com a cara e a coragem.

— É perigoso.

— E o que não é perigoso nessa vida, irmão?

— Mas aí é arriscar demais. E nós não sabemos a trilha, Manoel.

— Isso aí é o mais fácil, basta seguir a trilha que já tá feita, daqui dá pra ver o início dela, olhe bem firme pro lado direito, no canto, tá vendo aquele caminho?

— Pare aí.

— Tá vendo agora?

Os irmãos permaneceram quietos, olhando fixamente rumo ao serrote, pareciam já imaginar como seria realizar tal faceta. Estavam ofegantes e quando o sangue parecia esfriar...

— Vamos logo que nós estamos é perdendo tempo, Marcos.

— Espere aí.

— Vamos! Força no pedal!

— Está fugindo?

— De quê?

— Do Quinamuiú?

— E eu lá tenho medo dele? Quem já se viu, medo de mato?

— Mas lá não é só mato não, Manoel.

— Eu sei. É pedra, terra, espinho...

— Já ouvi o povo contar muita história do serrote!

— O povo fala demais.

— Então vamos, é por esses dias que vão subir lá.

— Vou pensar, e agora vamos embora que o sol tá é esquentando meu juízo.

E se danaram a descer uma ladeira gigantesca. Marcos freou a bicicleta com o pé direito no pneu traseiro, digamos que seu veículo estava com problemas mecânicos.

Entrando na avenida principal deram de cara com uma das personalidades da região.

— Bom dia, Senhor Italvan!

— Diiiia! Não esqueçam. Olhem, não esqueçam, viu? Fiquem de olho no trânsito. Tem que ter cuidado. Cadê o capacete? Andam sem capacete?

Senhor Italvan andava no seu jumento, equipado como se estivesse andando numa moto. Capacete, retrovisores e carteira de habilitação presa a um cordão em seu pescoço. Arrancava sorrisos e piadas ao longo do dia.

— Nós não precisamos não.

— Todo mundo precisa, vocês não escutam rádio? Bem dizer todo dia sai notícia de gente morrida por causa de descuido.

— Isso eu sei – falou Marcos.

— Então deixem de lero! E eu vou ali, o dever me chama!

O piloto seguiu sua jornada dando uma risada estridente e inconfundível, deixando para trás muita gente intrigada.

— Já pensou, Manoel, que cara engraçado?

— Figuraça!!!!!

— E então, vamos começar por onde? O trajeto de sempre?

— É melhor, não é?

— Centro, Sete de Setembro e Cidade Nova.

A primeira parada foi na banca da dona Salete, freguesa antiga dos meninos.

— Vocês demoraram demais hoje, já perdi venda por falta desses legumes.

— A gente se atrasou um pouco, dona Salete – respondeu Marcos – mas olhe aqui, tudo fresquinho, quantos quilos de cada?

— Cinco.

— Opa! Começamos bem, Marcos.

— Ligeiro!

— Pronto, pronto, é só pesar agora.

— Eu estou de olho nessa balança, nem pensem em me enrolar.

— Que é isso, dona Salete! Os meninos do Seu Elisário são de confiança – retrucou Sr. Cícero, companheiro da velha desconfiada.

— Agora, sim, cinco quilos de cada, do jeito que a senhora quer.

— Tome aqui o dinheiro, rapaz!

Manoel contou as notas e moedas.

— Obrigado. Responderam em coro.

— Sr. Cícero, aqui tem WiFi?

— Tem o quê?

— Tem internet?

— Ah! Vocês querem uma senha pra acessar a internet, não é?

— Isso mesmo!

— Esses meninos não perdem tempo! Não tem senha não, é livre. Veja aí no seu celular se está conectado.

— Hum...

— É mesmo, já conectou.

— Aqui no centro tem internet pra quem quiser.

— Lá em casa já tem internet também. O pai comprou uma antena e se inscreveu num projeto.

— Como as coisas mudam, não é Salete?

— E como, marido! Eu mesma não acompanho tanta coisa!

— Obrigado Sr. Cícero, nós vamos seguir. Até a próxima semana.

— Até, meninos!

— E vejam se chegam mais cedo!

— Está bem, dona Salete! – Marcos respondeu.

Os meninos carregavam consigo parte da mercadoria já medida, em kits de um quilo misto, metade cenoura, metade beterraba, outros pacotes contendo um quilo de tomate. De quilo em quilo,

foram passando pelas vendas e casas conhecidas. Vez ou outra conquistavam novos clientes.

— Rapaz, aquela dona Salete é fogo!

— Não pense no que ela diz, Marcos.

— Dá vergonha.

— Não se encabule não, não vale a pena.

— Já tenho vergonha de vender e ainda mais ouvir comentários como esses.

— Marcos, o que é isso? Vergonha deve ter quem mata, rouba. O que a gente faz é digno, é trabalho, é pra gente se orgulhar. Vendendo é que nós garantimos o caderno, o uniforme, o diesel do pai. Pense no lado bom.

— Tenho vergonha de chegar nas pessoas, parece que nós estamos  mendigando.

— Que conversa é essa, rapaz? Estamos é negociando, igual faz o povo lá no banco, você não viu não, naquele dia, o gerente negociando com o pai? Queria vender um crédito, que eu não entendi muito bem, mas que estava vendendo, isso ele estava.

Marcos ficou assim, envergonhado, desde que um colega de sala fez uma piada com ele no colégio.

O chamou de mascate, desdenhou de seus trajes, do chinelo que usava.

— Manoel?

— Oi!

— Você tem razão, mas enquanto a gente trabalha, nossos colegas estão de boa, em casa.

— Então, nós estamos à frente do tempo, já estamos nos profissionalizando. Quando for daqui há alguns anos vou ser PhD em vendas!

— Essa foi boa!

— Só falta meia caixa para secar, vamos correr?

— Vamos!

— Nessa rua, você faz as casas do lado direito, que eu faço as casas do lado esquerdo – dividiu Marcos.

— Combinado.

Aquela rua era especial para os dois. Lá moravam a professora de português, dona Geraldina, e também a amiga Neide.

— Não tem gente aí não, menino – gritou um vizinho.

— Olhe a verdura! – gritou Manoel na calçada da professora.

— Olá, como estão as vendas hoje? – respondeu a professora Geraldina.

— Estão boas, professora! A senhora vai querer?

— Vou sim, me dê dois pacotinhos de um quilo.

— Tá na mão.

— Veio sozinho?

— Marcos tá logo na frente.

— E como estão as férias?

— Normais.

— Vixe! Que desânimo!

— Não é desânimo não, professora, é que com férias ou sem férias nossas obrigações são as mesmas, não sobra muito tempo para as brincadeiras.

— Mas, aposto como vocês tomam banho de rio, jogam bola...

— Ah, isso é mesmo!

— Então as brincadeiras têm um espaço, nem que seja menor do que gostariam.

— Só os dois quilos mesmo?

— Por hoje, só, não precisa de troco.

— Obrigado. E a senhora poderia nos dar um copo d'água?

— Claro! Entrem.

— A gente espera aqui mesmo, obrigado.

— Marcos, chegue aqui. Água!

Conversaram ainda um pouco com dona Geraldina, que além de água, lhes deu um pedaço de bolo.

— Obrigado, professora, boas férias!

— De nada, boa sorte!

Estava longe do meio-dia e as vendas haviam encerrado. Sentaram-se um pouco na sombra do pé de algaroba, juntaram o dinheiro num saco transparente, e Manoel o amarrou na cintura, por baixo da camisa. Não queriam correr o risco de perder o resultado do dia.

— Marcos, olhe quem vem aí!

— Quem?

— O poeta!

— A gente corre?

— Não! Ele não faz mal a ninguém. Só vive bêbado, o coitado!

— Sei não!

— Oxe! Escute, ele está dizendo alguma coisa!

— Deve ser lorota, Manoel!

— Xiiiiiiii...

O poeta de quem eles falavam era o Pereira. Ninguém sabe ao certo de onde ele vem. Se tem família, se não tem. Passa dias vagando pelas ruas, soletrando versos de amor, de coragem, de política. Outros dias fica sumido. Talvez trancado em casa, talvez em outras vilas. E naquele instante, aproximava-se dos meninos, falando firme, mas bem baixinho:

*Menino tome cuidado, de todo mal se livrai*

*Tem gente que olha grande*

*Tem gente que nada faz*

*Dois contos arrancados é mais fácil que conquistar*

*Sonhar é como o ar*

*Sem ele, vida não há*

*Pássaros enfrentam ventos*

*Homens desfazem seus ninhos*

*Devaneios?*

*Não quero ficar de joelhos*

*Já não me olho no espelho*

*Rosto meu sem perdê-lo*

O poeta se aproximou de Marcos e Manoel, que se assustaram. Pereira não suportava tamanha disparidade entre seu mundo e o mundo dos outros. Quando conseguia dialogar com o próximo, era por meio de sua arte. Para aquele sujeito, o suportável era ir na contramão do real. Certamente, Pereira pagava um preço muito alto por não conseguir equilibrar seus pensamentos, suas sensações.

— Vamos, Marcos, levanta, vamos embora!

— Rapaz, que susto desse homem!

Afastaram-se do poeta, amedrontados.

— Você entendeu o que ele falou, Marcos?

— E eu entendi foi nada, nem escutei direito.

— Lembro das palavras joelhos e espelho.

— É um artista.

Deixando o poeta para trás, seguiram com suas bicicletas. As lentas pedaladas refletiam o cansaço justo dos irmãos. A sorte foi ganhar aquele pedaço de bolo para dar-lhes energia. O retorno para casa era bem mais suado, o sol já era de lascar! Já haviam subido e descido ladeiras pela cidade.

— Meu irmão, agora o bicho pega, que eu estou é morto! – suspirou Marcos.

— O bom é que cumprimos com o dever.

— Você viu quem estava lá na Sete de setembro?

— Vi um monte de gente.

— A Fernanda, homem!

— Nem reparei. Aposto também que ela nem olhou – respondeu Manoel.

— Você que pensa! Até sorriu, pensei que você tivesse prestado atenção.

— O namorado dela que preste atenção.

— Olhar não tira pedaço.

— Nós nem pisamos na casa alugada!

— Eu quero é distância. Já não basta morar nela nas aulas – disparou Manoel.

A saída para a fazenda estava se aproximando. Para trás, a cidade, o asfalto, a feira, os fregueses e o Quinamuiú.

— Manoel, você pensou na minha proposta?

— Que proposta?

— Já esqueceu, foi? De subir no serrote.

— Ah! Pode ser.

— Quando?

— Na próxima semana.

— E vamos só nós, mesmo?

— Vamos chamar mais uns colegas, que aí você se sossega do medo.

— Não é bem medo, é por segurança. Sendo assim dá até para pedir a mãe e o pai, eles vão deixar.

— Deixam nada, nem adianta pedir.

— E como é que a gente vai fazer, Manoel?

— Não sei ainda, vamos pensar num jeito que eles não sintam nossa falta e não alarmem.

— Vai ser difícil.

— Dá-se um jeito, Marcos.

CAPÍTULO 3

# Não

Manoel gostava muito de voltar para casa. Onde ele era mais Manoel.

— Mãããããeeeee?!!

— Mãããããeeeee?!!

Gritavam os irmãos ao abrirem a cancela que dava acesso ao jardim de dona Fátima!

— Aqui, meus filhos! Estou aqui!

Gritou a mãe do outro lado da casa. Estava na área de serviço com Sr. Elisário. Marcos e Manoel correram ao encontro dos pais.

— Pai, mãe, vendemos tudo, tudo! – Marcos gritou todo alegre.

— Eu não disse que nós já temos a freguesia certa?! – disse Manoel.

— Que bom, meus meninos!

— E tem que vender mesmo! E o dinheiro?

— Tome, pai.

— Isso aqui já vai ajudar na volta das aulas.

— E o agrônomo veio, pai?

— Veio sim, passagem rápida, mas sinalizou que pode ser aplicado um remédio novo para evitar que as pragas se espalhem na horta.

— Que bom, pai! – Marcos respondeu.

— Ficaram de mandar uma amostra para testar.

— Ainda bem que terá solução! Manoel disse baixinho.

— Pai, mãe?!

— Diga, Marcos.

— Nós precisamos pedir uma coisa para vocês.

— Se for dinheiro, nem pensar!

— Marido, escute primeiro!

— Não é nada de comprar não.

— E o que é?

— Eu e o Manoel queremos subir o serrote.

— Que ideia é essa agora? – o pai retrucou.

— Pai, muita gente já subiu. Lá em cima tem um cruzeiro.

— Marcos, isso é muito perigoso, filho! – dona Fátima interveio.

— Mãe, nós já estamos bem grandinhos, fazemos coisas que só adulto faz, e por que não subir o Quinamuiú? – Manoel respondeu.

— Quer comparar andar de bicicleta com arriscar a vida nas alturas? Ô meninos de ideias amarmotadas! Vão crescer primeiro.

— Perigoso é – concordou Marcos.

— Mas dá pra ir – Manoel completou.

— Que dá, dá. Mas, é melhor vocês crescerem mais um pouco – Sr. Elisário justificou.

— Concordo com o pai de vocês. Ainda é cedo para uma aventura como essa!

— Cedo, mãe? Por favor, deixe a gente ir?! – Manoel implorou.

— É mãe! Pai!

— E vocês pensam em ir com quem?

— Ora, nós dois!

— Quem de responsável poderia ir com vocês, Manoel?

— Não precisa, a gente sabe se virar.

— Marido, se eles querem tanto ir, então, por que você não vai com eles?

— Então, eu quero ir também – gritou Manoela.

— Nem pensar! – respondeu Sr. Elisário.

— É pai, vamos com a gente! Você nunca vai a lugar nenhum com a gente! – Marcos tentou argumentar.

— Seria um verdadeiro milagre! Aposto como até chover, choveria! – exclamou Manoel indignado.

— Tá decidido, por hora não é tempo de vocês se danarem pelo mundo sozinhos. Quem sabe mais na frente!

Esta foi a última palavra do pai. E com um não como resposta, Marcos já pensava em desistir da ideia. Baixou a cabeça e seguiu para o quarto com o irmão.

— Será que ele não vai voltar atrás?

— Muito difícil, Manoela – Marcos respondeu.

— Nós só queremos subir o serrote!

— Manoel, esqueça essa história!

— Como esquecer?! Agora é que eu quero ir mesmo!

— Se você for, Manoel, eu também vou – defendeu a irmã.

— Agora lascou! Vocês estão doidos, é melhor nem tocar mais no assunto.

— E por que não? Logo você, Marcos, que deu a ideia, que ficou me cutucando!

— E você não ouviu o que eles disseram, Manoel?

— E precisa a gente concordar?

— Espere aí, também não é assim!

— Como não, Manoela, tudo o que a gente pede para ele é em vão. Tudo é proibido. Nada pode.

— É o jeito dele de cuidar, irmão, no fundo é só cuidado.

— É mesmo?! Que jeito carinhoso de cuidar! Você fala isso porque é a preferida dele.

— Isso aí é verdade.

— Marcos, não piore as coisas! Bem, quem sabe se a gente pedir de novo, nós três?

— Eu não tocaria mais nesse assunto. Sei como ele é, vai esbravejar – disse Marcos.

— E você, Manoel?

— Por mim, a gente vai e pronto. Ninguém precisa saber. Antes do sol se pôr a gente já tem voltado e nenhum grito em vão.

— Não sei se eu teria coragem de ir desse jeito, sem a mãe saber, sem o pai deixar! – falou Manoela.

— É o seguinte: estou decidido, eu vou subir o serrote. Se vocês quiserem ir junto, tudo bem, senão, eu vou sozinho mesmo.

— Sozinho? Você está é maluco?

— E qual é o problema, Marcos? Não tenho medo de nada. É claro que com vocês seria mais divertido!

— Meninos, desse jeito aí eu não vou não.

— Você é quem sabe, Manoela.

— Nem eu, Manoel.

— Você, Marcos, não faz nada que o pai não queira!

— Não é bem assim, só acho arriscado, não quero confusão.

— Bom, mas ao menos posso contar com o silêncio de vocês?

— Rapaz...

— Manoela?

— Tá bom! Prometo não falar nada.

— Prometo torcer por você, irmão.

Os três permaneceram conversando no quarto até o almoço ficar pronto. O prato daquele dia era a famosa maria-isabel, feita pelo Sr. Elisário, arroz, carne seca e complementos: alho, pimenta do reino, cebola, cheiro-verde, pimentinha verde... Vez ou outra, aquele pai se aventurava na cozinha e preparava pratos de encher os olhos e o coração de alegria!

— Hum, mais que coisa gostosa! – suspirou Manoela.

— Quando seu pai vai para a cozinha, não tem pra ninguém!

— Isso é mesmo, mãe!

— Obrigada, pai, por cozinhar hoje! – Marcos disse.

Sr. Elisário sorriu com o canto da boca.

— Eu tento fazer igual, mas não consigo, o arroz não fica molhadinho como este aqui.

— O segredo é a carne, mãe!

— Será Marcos?

— É sim. Nem pode ser tão salgada nem tão insossa.

— O segredo é amor. Com amor, toda comida fica especial – disse Manoela passando a mão na cabeça de seu pai.

— Ora! É só um arroz com carne, deixem de história!

— Marido, confesse, você nos ama e por isso o toque especial na comida.

Dona Fátima sabe bem como "quebrar o gelo" do marido ranzinza. A refeição foi feita em paz. Todos ajudaram a limpar a cozinha. Naquele dia, a tarde

passava mais devagar, parecia que todos estavam de folga. Na Disparada era assim, dias mais apressados, dias mais corridos, dependia muito do ritmo das tarefas, o trabalho é quem ditava os ponteiros do relógio.

Após o almoço, a soneca do Sr. Elisário era sagrada. Para quem acorda às quatro horas da manhã, não consegue resistir ao sono do meio-dia. Enquanto o pai cochilava na rede da sala, dona Fátima conversava com os filhos na varanda:

— Mãe, você vai trabalhar hoje?! – perguntou Marcos.

— Hoje não. Só mais tarde que eu vou fazer o queijo.

— Aí que bom!

— Vou aproveitar para dar "uma geral" em vocês.

— Eita! – disse Manoela.

— Vamos cortar os cabelos, limpar as unhas e também começar a arrumar os cadernos, faltam poucos dias de férias, é hora de se organizar.

— Nem me lembre, mãe! – falou Manoel, escondendo a cabeça entre as pernas.

— A mãe pensa que a gente ainda é bebê!

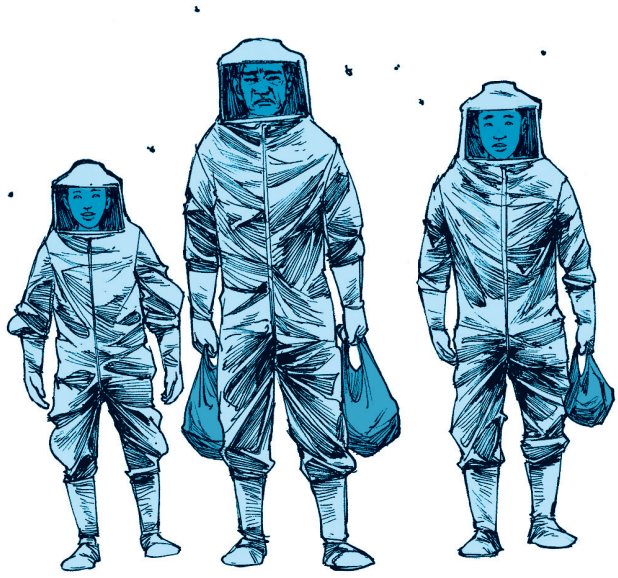
— Pra mim, Marcos, vocês serão sempre meus bebês!

— Eu não queria voltar pra lá.

— De novo esse assunto, Manoel, meu filho, você ainda vai se acostumar, vai chegar um dia que você vai agradecer o nosso esforço em colocar você para estudar! Deixe de lero!

— Pois não vamos falar nisso não, que é para eu me iludir e nem lembrar que as férias estão acabando.

— Está bem, não vamos estragar a nossa tarde. Já vou buscar o material de cortar o cabelo.



Manoela já foi pulando da cadeira e seguiu rumo ao quarto dos pais para ajudar a mãe a pegar sua caixa com tesoura, pente, avental e outros acessórios de cabeleireira.

Parece mentira, mas, era a mais pura verdade, dona Fátima tinha mil e uma habilidades, possuía noção de várias coisas. Umas aprendeu observando, outras em cursos na associação de moradores. Manoela vivia brincando com a mãe por isso: “Lá vem

a mulher costureira, enfermeira, professora, cabeleireira, agricultora, cozinheira, advogada e... mãe.". Ela mesma cortava o cabelo dos filhos, costurava a maioria das roupas da família, e neste item abrimos um parêntese: (Manoel e Marcos por muito tempo foram confundidos como gêmeos, pois além da grande aparência física, usavam roupas iguais. Dona Fátima, para economizar tempo e dinheiro, comprava uma peça única de tecido e costurava camisas iguais para os meninos).

— Mãe, vamos começar pelo meu cabelo!

— Traga aqui, filha.

— Marcos, pegue aquela cadeira mais baixinha?

— Pego sim.

— Mãe, por favor não corte muito curto, meu cabelo tem volume demais!

— Eu vou só aparar as pontas Manoela, pode deixar.

— A senhora sempre fala isso e acaba picotando meu cabelo! Tenha calma, viu?! A varanda se transformava em um gabinete de cabeleireiros. Só

Manoel parecia não se envolver muito com o movimento. Olhar distraído, pensamento vagando, parecia não prestar atenção na conversa ao redor.

— Manoela, fique quieta, senão eu corto demais e aí você não vai gostar.

— Mais eu estou uma estátua!

— Sei...

— Manoel, pegue ali o espelho do banheiro, por favor.

— Manoel, eí, oh! Marcos o cutucou as costas.

— O que foi?

— A mãe tá falando!

— Desculpe mãe, eu não ouvi.

— Está pensando em quê?

— Nada demais.

— Eu imagino.

— Marcos, não estou pensando em nada!

— Não precisa gritar, meu filho.

— Diga aí, o que a senhora quer?

— Estou pedindo para você pegar o espelho do banheiro.

— Tá. Tá. Tá.

Foram horas dedicadas aos filhos naquela tarde. Dona Fátima fez a "geral" de que havia comentado. Aprendeu a cortar cabelos com o pai, Sr. Raimundo, pessoa multifacetada também. Era o barbeiro do pequeno vilarejo Baixio, ensinou às cinco filhas os truques de que sabia.

— Olhe só, Manoela, veja no espelho o comprimento.

— Mããããããe!

— O que foi?

— Você deixou meu cabelo curto demais!

— Que exagero, menina!

— E esta franja? Tô parecendo uma índia!

— Cabelo cresce rápido, e você ficou ótima, cabelo grande demais envelhece a pessoa.

— Quem disse?

— Eu que acho.

— Não chore não, Manoela, que bobagem! Seu cabelo está é bom.

— Bom... sei...

— Vamos logo, demorei demais no cabelo da Manoela, agora venham cá meninos, vamos Marcos?

E assim, foi cortando o cabelo de Marcos e, em seguida, Manoel. A esta altura, Sr. Elisário já havia despertado de seu sono e estava a debulhar um saco de feijão. Estava entre os seus. Na sombra da varanda, que era toda rodeada por jarros de plantas, com flores, aguadas com a água da cisterna uma vez por dia. Aliás os dois lugares mais frequentados na casa, a varanda e a cozinha. Se não estavam juntos na entrada da casa, estavam na saída. Aquele pedaço de terra era realmente especial. E desde que obteve sinal para celular e internet, então! Ficou o paraíso, segundo Manoel.

— Pronto, agora vamos limpar esta sujeira toda.

Manoel pegou uma vassoura, Marcos a pá de lixo, Manoela guardou os equipamentos da mãe. Em poucos instantes, já estavam todos de volta às conversas na varanda.

— Hoje o sinal da internet está péssimo!

— E quando é que está bom, Manoel?

— Ontem estava bem melhor do que hoje.

— E o que vocês tanto olham neste computador?

— É o Instagram, pai – disse Marcos.

— Não entendo nada disso.

— Daqui uns dias inventam outra coisa e o Instagram já não vai ter a mesma serventia.

— A mãe sai com cada uma! – disse Manoela.

— É tudo tão rápido. Não dá tempo nem eu me acostumar com uma coisa, já aparece outra.

— Olhe aqui, pai, as fotos do Franzé no Quinamuiú. Ele já postou fotos incríveis lá de cima! – falou Marcos.

— Qual Franzé? O músico?

— Ele mesmo!

— Hum...

— Olhe!

Seu Elisário olhou assim, meio sem querer olhar.

— Viu só? É uma vista linda! – disse Manoel.

— Nem por isso você vai subir lá.

Manoel ficou cabisbaixo com o desdém do pai.

De repente, um barulho de motor de carro. Um sol alto se aproximava.

— Quem será que está chegando aí? – perguntou dona Fátima.

— Ora! Vejam só! É aquele vidente, homem que diz adivinhar as coisas – respondeu Marcos.

— Um velho oportunista isso, sim – esbravejou Manoel.

— O que é isso, Manoel, olhe a língua!

— E não é não? Engana as pessoas.

— Não tem ninguém inocente nesta vida, Manoel, acredita quem quer!

— Isso é, mãe.

Uma D-20 antiga, branca, que produzia uma fumaça daquelas se aproximava e estacionou em frente à casa da fazenda. Era mesmo o senhor que dizia adivinhar o futuro das pessoas e também fa-

zia remédios para curar mazelas de todos os tipos. Era conhecido por muita gente em toda a região dos Inhamuns. Homem de fala mansa, alto, gordo, olhos claros, usava um chapéu escuro.

— Boa tarde!

— Boa!

— Vocês podem me arranjar um copo d'água?

— Sim, claro! Se sente aqui.

— Obrigado, senhora!

— Está vindo de onde, Pai Alfredo?

— De Independência.

— E está indo pra Tauá?

— Sim, é que antes vou, na casa de dona Mazé, entregar uma encomenda.

— Meninos peguem água para o Pai Alfredo?

Correram pra cozinha.

— Marcos, que homem estranho!

— E põe estranho nisso!

— O que será que aquele homem teria para en-

tregar a alguém? Uma porção mágica? Uma adivinhação? Um recado de defunto?

— Nossa, não quero nem pensar, Marcos!

— Vamos logo levar essa água para ele ir embora.

— Você viu a Manoela, se agarrou com a mãe, deve estar morrendo de medo!

Os meninos levaram uma jarra com água para servir o visitante.

— E como andam as plantações, Seu Elisário?

— Vão bem. Se tivesse um bom inverno seria muito melhor, sabe.

— A reclamação é geral, por todo lugar que eu passo, o povo se queixa da falta de água. Vocês aqui têm é sorte com o rio.

— É mesmo.

— E vocês não têm nada para doar ao meu grupo de oração?

O carro já estava bem pesado de doações, mas quem teria coragem de dizer um não àquele homem?

— Aceita um feijãozinho, Pai Alfredo?

— Tudo o que me dão é bem-vindo!

— Pois pegue aqui, este é novo.

— Deus o abençoe!

— Amém.

— E estes meninos, estão com cara de que estão aprontando alguma coisa!

— Quem? Meus meninos?

— Pode esperar, que eles vão trazer uma surpresa de menino danado para vocês!

O homem foi saindo de fininho, deixou todos se entreolhando, entrou no carro, bateu a porta com muita força, e seguiu na estrada de chão batido, fazendo um barulho ensurdecedor. Os três filhos ficaram com um olhar desconfiado, a mãe e o pai encucados. O silêncio prevaleceu por algum tempo. Cada qual seguiu fazendo algo. Sr. Elisário terminou de debulhar o feijão e se dirigiu ao curral com os três filhos para tirar o leite das vacas. Dona Fátima foi preparar um bolo para o jantar e ficou a esperar o leite que serviria para preparar o queijo do dia.

CAPÍTULO 4

# Sim

Como de costume, Fátima seguia o fim de tarde na cozinha. O leite tirado das vacas pela manhã era para consumo da família e o da tarde se destinava à produção do queijo. Ao todo, durante a semana, eram produzidos sete queijos. Um ficava para a casa. Os outros eram vendidos. Produziam queijo, criavam bode e galinha, e eram, também, apicultores. Sr. Elisário tinha o maior chamego com suas melgueiras fincadas no meio da mata.

— Fátima, vou jantar mais cedo porque quero cair no mel!

— Não vá sozinho, homem! Leve um dos meninos com você.

— Vou levar os dois.

No mesmo instante, entravam na cozinha os três filhos, risonhos.

— Mãe, olhe só o que a Manoela está querendo?

— O que é?

— Nada demais, não. Só porque eu disse que queria colher o mel com o pai.

— E por que a surpresa, Marcos?

— Ela não vai aguentar!

— Oxe! Minha filha é firme! Falou o pai orgulhoso.

— Nós vamos sair à noitinha que é para não ter perigo das abelhas nos perseguirem – Manoela explicou.

— Então se ela vai eu vou ficar com a mãe – falou Manoel.

— Acho certo. É melhor mesmo – Sr. Elisário concordou.

— Está vendo Marcos, você vai ter que encarar essa comigo!

Os dois correram para separar a roupa específica de colher o mel.

— A gente tem que vestir tudo isso mesmo, pai?

— Senão as abelhas não perdoam!

— Encoste aí esse material, Manoela e Marcos, e venham me ajudar a pôr a mesa.

— Estou indo, mãe.

A família fez a última refeição do dia. Sr. Elisário estava leve, parecia ter dado uma trégua no mau humor rotineiro. A limpeza da cozinha era sempre por conta de todos. Um ajudava o outro.

— Agora sim, podem se ajeitar!

Os três foram se vestir, preparando-se para a colheita do mel.

— Eu acho estas roupas muito invocadas!

— Ficou engraçado, Manoela, está grande pra você!

— Tem nada não, filha, é só botar a luva menor, vai dar certo – consertou o pai, todo empolgado com a cena.

— Olhe, vocês estão parecendo astronautas. Sorriu, Manoel

A risada foi geral.

— É mesmo! Astronautas do mel! Disse dona Fátima.

— Vamos apressar, porque não podemos ir tão tarde – ordenou o pai.

Manoela era a mais eufórica de todos. Marcos já havia ido outras vezes, aquilo não era novidade para ele. Há cerca de dois anos o Sr. Elisário mantém sua apicultura. Durante esse tempo, já havia participado de cursos e feiras expondo o mel colhido na fazenda.

Os três se despediram de Manoel e dona Fátima e seguiram mata a dentro.

— Mãe, olhe como o céu está cheio de estrelas!

— É verdade, Manoel! Dependendo da lua, o céu fica mais ou menos estrelado.

— Lá em Tauá não dá pra ver tantas estrelas como aqui!

— É por conta da luz dos postes, filho. Lá tem muita luz.

— Imagine então uma cidade como Nova Iorque!

— Onde?

— Lá nos Estados Unidos!

— Vixe! Com aquele monte de luz nas ruas aí é que não dá pra ver estrelas mesmo!

— Quanto menos lâmpada, mais se pode sentir a natureza.

— E por que você não quis ir com seus irmãos?

— E eu ia deixar a senhora aqui sozinha?

— Mas, olhe! Que mal há nisso?

— E se aparecer alguém? Não acho certo o pai ir pro mato e deixar você aqui sozinha. Eu sei que ele faz isso.

— A gente se entende, Manoel. Você já tem é cisma com seu pai! Tudo o que ele faz tem defeito?

— Não é cisma. Ele é grosso. E você já percebeu como o pai me olha? Desde criança o olhar dele pra mim é raivoso.

— O olhar das pessoas depende muito do que sentimos. No olhar do seu pai também há o que você sente por ele. Veja, eu já enxergo outras coisas no olhar do seu pai. Vocês dois hão de resolver isso um dia!

— Acho difícil. Eu não me dou com o jeito dele. Não mesmo!

Com as falas em pausa, muito se ouvia o som de uma coruja. Mãe e filho permaneceram um bom tempo na calçada, quietos, em silêncio, contemplando as estrelas, sentindo a leve brisa que amenizava o calor enfrentado durante o dia. Ócio puro.

Enquanto isso, a cerca de trezentos metros da casa, Sr. Elisário e os filhos encontravam as cinco melgueiras.

— Tenham cuidado! Eu vou colhendo e vocês me ajudando. Não façam barulho – falou Sr. Elisário, bem baixinho.

Manoela e Marcos balançaram a cabeça, fazendo sinal de positivo. Era um trabalho minucioso. Não se podia desperdiçar o mel. Tudo feito sob a luz da lanterna.

— As abelhas trabalham, a gente vem aqui e pega tudo!

— Vendo por este lado é injusto mesmo – respondeu Sr. Elisário com um ar de sorriso.

— Mas, Manoela, é a lei! A galinha põe o ovo e a gente come.

— Lei?

— Não é?

— Porque acontece assim há anos não significa dizer que é o mais correto.

— Silêncio. Sem conversas!! – Sr. Elisário disse.

As trocas de conversas foram poucas. O silêncio ajudava na concentração. E também para não chamar a atenção dos animais, até mesmo das abelhas. A cerca de uma hora o serviço havia acabado. No dia seguinte, seria o momento de coar e engarrafar o mel. Deixá-lo pronto para a venda e consumo.

— Amanhã cedo, Manoela, você vai me ajudar a engarrafar o mel.

— Está bem.

— E você Marcos, com o Manoel, vão deixar as garrafas no box 23 do Mercado, no Sr. Zé Valter, viu?!

— Tá certo. E é pra ir que horas? – perguntou Marcos.

— Quero que vocês saiam no máximo sete horas.

— Então vamos ter que madrugar, né pai?! – retrucou Manoela.

— É preciso. E não há sensação melhor do que levantar primeiro do que o sol. Quando ele nascer, já vamos ter feito tanta coisa!

— O pai, às vezes, acorda cedo demais, sem precisão – continuou Manoela.

— É pai. Não precisa levantar quatro horas em dia que tem pouca coisa pra fazer – disse Marcos.

— Isso eu peguei com meus pais. A vida é assim, assim que tem que ser. E vamos embora. Por aqui já deu.

Retornaram a caminho de casa. Conversa vai. Piada vem. E de repente:

— Parem!

— O que foi?

— Xiiiii!

— Que barulho é esse?

— Fiquem quietos.

É quando sai das moitas um animal. Ele corta a passagem como um flash, mal dá para identificar.

— Era um peba?

— Ou era um tatu?

— E deu pra saber?! O bicho passou foi ligeiro demais!

— Tatu ou peba não correm rápido assim não, meus filhos.

— Então, o que era, pai?

— Vocês não perceberam pelo rabo?

— Não!

— Era uma raposa.

— Aí, pai, então vamos correndo pra casa. Raposa é bicho traiçoeiro!

— Isso é!

— Pois vamos.

— Será que a mãe já se deitou?

— Acho que não. Ela não dorme enquanto a gente não chegar.

— Marcos, como é o nome daquela sua colega que vende lanche no intervalo das aulas?

— Lúcia.

— Eu pensei que fosse alguma coisa com Aparecida?

— O nome dela é Maria Aparecida, mas todo mundo só a conhece como Lúcia.

— Valha! E por quê?

— Sei não.

— Será que é porque ela não gosta do nome dela?

— Talvez. E o que é que tem com ela?

— Nada não. Eu só estava lembrando aqui das conversas dela sobre o Quinamuiú.

— Ela já subiu três vezes.

— Então, ela contou que é uma vista linda lá de cima. Pai, você já subiu?

— O quê?

— O Quinamuiú?

— Não.

— E não tem vontade?

— Não.

— Eu tenho. E os meninos também.

— Não quero mais esse assunto lá em casa. Já deu aborrecimento demais. Quando vocês tiverem adultos, crescidos, poderão subir. Por enquanto não é coisa pra gente nova.

— Muita gente já subiu, falou Marcos.

— Já disse, não quero esse assunto. Vamos apressar o passo? Esse balde está pesado, Manoela?

— Está, mas dá pra levar. Podemos seguir.

— Já dá pra ver a luz lá de casa.

— É mesmo. Parece que eles ainda estão na calçada!

Com mais dez minutos de caminhada, os três já estavam no terreiro de casa.

— Já chegaram? Foram rápidos!

— Nós só colhemos três, das cinco melgueiras.

— Foi bom. Venham, sentem um pouco aqui.

— E vocês estão na calçada desde aquela hora?

— Se foi muito tempo, eu nem sei. Não percebi as horas passarem, respondeu dona Fátima.

— Marcos, venha cá – chamou Manoel.

— Antes de entrar em casa, tirem as vestes de astronauta, pra não atrair abelha lá pra dentro, viu?!

Os dois meninos se afastaram do grupo. Ficaram sentados em um canto recuado da calçada.

— Amanhã nós vamos deixar o mel?

— Vamos sim, o pai já disse que é pra gente sair no máximo sete horas.

— Ótimo!

— Por quê?

— Vamos colocar em prática nosso plano.

— Pensei que você tinha esquecido.

— Esquecer? Que nada! Já fiz foi arrumar nossas mochilas.

— E você vai contar pra mãe, pelo menos?

— Claro que não! Ela certamente contaria ao nosso pai.

— E a Manoela? Ela é doida pra subir o Quinamuiú!

— Melhor não envolver a caçula. Sei lá! Vai que acontece alguma coisa, pelo menos fica um de nós com a mãe.

— Tá vendo! Até você sabe como é arriscado!

— Sim, tem riscos, mas nós vamos mesmo assim.

— Está certo! Tá combinado.

— Depois de entregar o mel a gente deixa as bicicletas na casa daquela sua colega, a Lúcia.

— Por que a Lúcia?

— Porque ela já foi lá em cima, poderá nos dar umas dicas.

— Isso é!

— E olhe, eu só não coloquei a lanterna na mochila porque o pai levou.

— E nós vamos precisar de lanterna?

— Se vamos precisar eu não sei, mas é bom levar caso seja necessário. É uma aventura, meu irmão, temos que estar preparados para tudo.

— Quando o pai dormir, eu pego a lanterna.

— Tá é feito!

Passava das nove horas da noite. Em um dia comum, a esta hora todos já estariam recolhidos. Acordar cedo exige dormir cedo. Dona Fátima e seus filhos dobraram as roupas, enquanto Sr. Elisário colocava o mel em uma lata grande com tampa.

— Sabe o que eu ouvi no rádio hoje meio-dia? Esqueci de comentar contigo, Elisário.

— O que foi?

— Lembra daquele sujeito que já se passou por padre, por psicólogo, por professor?

— Sei. Enganou foi muita gente.

— Pois bem, ele se ferrou mesmo foi como empresário, porque a justiça dos homens faz vista grossa a quem fere a alma, mas não perdoa a quem faz fuleragem com o dinheiro alheio.

— E foi?

— A firma que ele abriu estava devendo um monte de dinheiro para agiotas e bancos.

— Aqui se faz, aqui se paga. Deus me livre de me envolver com malandragem. E rezo para nossos filhos nunca se envolverem com nada disso. E a mentira é o primeiro passo pra muita coisa ruim.

— Mas ainda bem que, aqui em casa, não temos problemas com isso. Até mesmo porque toda mentira tem perna curta.

Neste instante, Manoela havia saído da sala. Manoel e Marcos que ouviram a conversa ficaram se entreolhando com cara de desconfiados.

— Manoel, rapaz, parece até que eles estão lendo nossos pensamentos!

— Foi só uma coincidência!

— Fiquei todo arrepiado.

— Não se compare a um bandido, Marcos, que é isso?! Não vamos fazer nada demais. E só que não vamos contar para eles para evitar uma grande guerra.

— Não seria bom deixar um bilhete com a Manoela. Ela entregaria depois que a gente saísse.

— Pra quê? É capaz de nos alcançar a tempo.

Não. Vamos seguir o combinado. Relaxe. Não há nada de ruim que possa nos acontecer.

— Se você está tão seguro...

— Estou confiante, é diferente! Também não queria que fosse assim. Queria falar para o pai. Mas você sabe, tudo o que vem de mim, da gente, ele recusa, acha feio, ilegal, imoral. Estou farto.

— Nisso você tem razão. Mas deve ser o jeito dele de ter cuidado com a gente, pelo menos é isso o que a mãe fala.

— Ela diz isso porque tem olhar de amor pra ele.

— Então, já que vamos mesmo, o mais certo agora é dormir, afinal, amanhã o dia promete!

— Tem razão. Vamos sem medo. Vai ser legal! Antes do dia terminar, nós já estaremos de volta. Sãos e salvos.

— E sem arranhões?

— Ah! Isso não posso prometer! Vai que a gente cruza com uma pantera?

— Se isso acontecesse, nem sei o que faria!

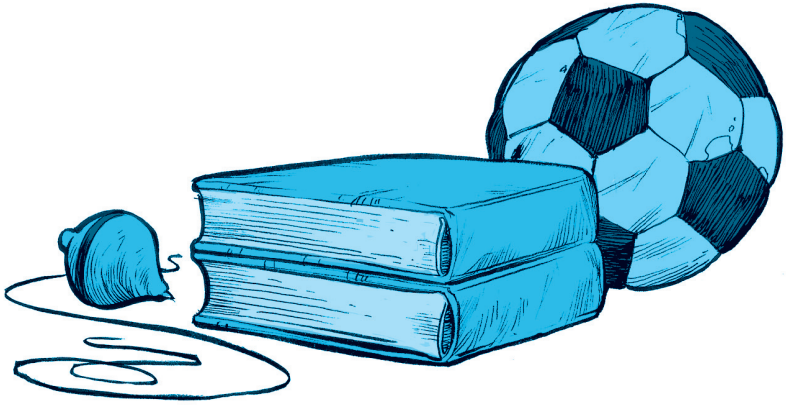
— Brincadeira! Quase não há onça no pantanal, quem dirá aqui no sertão!

— Meninos, vamos fechar as portas e janelas! Amanhã o dia vai começar muito cedo para todos nós.

— Por que só os meninos vão para Tauá amanhã?

— Porque eles já estão acostumados. Vão num pé e voltam em outro.

— Deixe estar, Manoela, na próxima vez você vai com a gente, quando formos sem pressa.



CAPÍTULO 5

# Perto do céu

— Manoel, Marcos, levantem! Já é hora!

— Manoela, você já está de pé?

— Acordei agora, vou ajudar o pai. Vamos precisar de vocês!

Os três irmãos dividiam um amplo quarto na fazenda. Cada um possuía sua cama e seu espaço para guardar brinquedos, livros e demais objetos. Eles mesmos faziam questão de estar juntos.

— Manoela, lembra que você prometeu não contar nada ao pai e a mãe, sobre aquela história de subir o serrote?

— Sim, lembro.

— Você prometeu.

— Prometi, Manoel, dou minha palavra.

— É que nós vamos hoje.

— Hoje!? Mas, já!

— Como já?! A gente pensa nisso há muitos dias.

— Tomem cuidado.

— Você não se preocupe que antes do anoitecer estaremos de volta.

— Que os anjos os acompanhem.

— Amém!

Ainda parecia noite. Mas, já era dia. O ponteiro do relógio marcava quatro e doze da madrugada. Sr. Elisário já havia tirado o leite e naquele momento se dedicava ao mel, com a ajuda dos filhos. Dona Fátima caprichava no café da manhã. Noite e dia, trabalho e lazer, muitas vezes se confundiam no cotidiano daquela família. Rapidamente o mel inteiro já estava filtrado e engarrafado. Pronto para a venda.

— Aqui está, meninos. Levem na garupa da bicicleta esta caixa. Entreguem lá no box 26 do Mercado como já combinamos.

— Está certo, pai.

— Vamos amarrar a caixa.

Prenderam a caixa na bicicleta do Marcos. Em seguida, trocaram de roupa e tomaram o café. Ma-

noel comeu batata doce com leite e Marcos optou por coalhada com mel.

— Manoela, não fique triste, outro dia você vai com eles.

— Não estou triste não, mãe.

— E o que é que você tem. Está preocupada com alguma coisa?

— Não, não. Não tenho nada não.

— Está bem.

— Benção mãe. Benção pai – gritou Manoel, colocando a mochila nas costas.

— Deus o abençoe.

— Deus o faça feliz.

— Tchau, Manoela!

— Tchau. Cuidado.

— Pode deixar!

— Esperem um pouco.

— O que foi, pai?

— Por que vocês estão levando essas mochilas?

— As mochilas?

— Sim, as mochilas.

— Bem...

— São cadernos.

— Cadernos?

— Vamos tirar umas dúvidas com a Lúcia, sobre o livro de férias que a professora pediu pra ler. Tchau!

— Hum...

— Juízo! – suspirou a mãe.

— Tchau.

Os meninos pegaram suas bicicletas e saíram voando pela estrada de chão que liga a fazenda até a rodovia asfaltada. As camisetas chegavam a agitar como uma bandeira ateada. Marcos levava a pequena caixa com os frascos de mel. Manoel, por sua vez, estava com as mochilas presas ao corpo. Uma em cima da outra.

— Manoela, a professora passou livro de férias?

— Pai, não sei de nada não – desconversou Manoela, que já foi se afastando dos pais.

— Outra vez a professora passou – afirmou dona Fátima pensativa.

— Tomara que eles não estejam aprontando nada.

— Aprontando? Ora! Eles fazem essa viagem toda semana. Indo e voltando. Nunca aconteceu nada, homem! Sossegue.

A esta altura, os meninos já iam longe... Estavam risonhos.

— Esta é a primeira vez que vou a Tauá de bom gosto!

— Manoel, você está tão obcecado com o Quinamuiú que até esqueceu de todo o resto da vida.

— Marcos, me espere!

Marcos, que estava um pouco na frente do irmão, freou e olhou para trás.

— O que houve?

— O pneu baixou!

Imediatamente pararam a pedalada para verificarem o ocorrido.

— Pois não é que o pneu fez foi furar!

— E agora?

— Só lá que alguém poderá nos ajudar.

— E tá é longe.

— Vamos seguindo a pé mesmo.

— Isso vai é atrasar nossos planos.

— Tem nada não, Manoel. Vai dar certo!

— Vá na frente. Seu pneu está bom.

— Do que adianta eu chegar primeiro em Tauá? Vou ter que o esperar mesmo?

— É verdade.

— Vamos. Olhe o foco! Rapidinho a gente chega lá.

Eles caminharam uns dez quilômetros, empurrando as bicicletas, quando apareceu um carro buzinando.

— Vocês são os filhos do Seu Elisário?

— Sim, somos.

— Estão indo pra Tauá?

— É. Deixar o mel.

— Querem ajuda?

— Estamos com um pneu furado, Sr. Batista.

— Pois subam aí. Eu deixo vocês lá no Pedrão da borracharia.

— Opa! Foi bom!

— Ei, Marcos, essa carona caiu do céu, não foi?

— Se foi!

Os irmãos ergueram suas bicicletas à traseira da caminhonete e partiram. Chegando à cidade, o carro seguiu direto para onde os meninos consertariam o pneu.

— Obrigado, Sr. Batista!

— De nada.

— Quanto foi a viagem?

— Nada não. Eu é que devo muito favor a seu pai, menino.

— Está bem.

— Até mais.

— Até.

O carro saiu de fininho. Estava pesado. Cheio de gente.

— Marcos, você vai lá no mercado deixar o mel pro Sr. Zé Walter. Eu fico aqui esperando o conserto do pneu.

— E depois?

— A gente se encontra lá na casa da Lúcia.

— É mesmo. Vamos ganhando tempo.

— Fechou!

No momento em que Manoel ficou na borracharia. Marcos seguiu para o mercado. Lá negociou com o Sr. Zé Walter e recebeu o dinheiro em troca da mercadoria.

— Seu Elisário não veio hoje, menino?

— Não.

— Mande lembranças a ele e a dona Fátima.

— Pode deixar! E obrigado.

Seguiu pedalando pela cidade naquela quinta-feira ensolarada, como de costume. Marcos encontrou al-

guns amigos na ladeira da igreja matriz, bateu um papo, e seguiu ao bairro Novo, onde morava Lúcia. Chegando à casa da amiga, lá estava Manoel e as mochilas.

— E aí Marcos, deu certo?

— Deu, olhe o dinheiro. Guarde aí na mochila.

— É melhor guardar mesmo, se a gente perde, nem quero pensar no sermão do pai!

— O pior é a sensação de trabalho perdido, Manoel, isso é que é ruim.

— É mesmo!

— Venha cá, não tem ninguém aqui não?

— Rapaz, já bati, já chamei e nada!

— Vou ligar pra ela.

— E você trouxe o celular?

— Trouxe sim, quero fazer fotos da nossa subida.

— Pois ligue aí!

Nem precisou fazer o telefonema, Lúcia chegara com sua avó.

— Bom dia!

— Lúcia!

— Vó, estes são meus amigos, do colégio.

— Olá!

— Oí. É a senhora que faz os lanches que a Lúcia vende no colégio?

— Sim, sou eu. Você gosta?

— Ah! Sim, adoro!

— Que bom! Desculpem não dá atenção, eu vou entrar porque estou com dor nas costas hoje. Ainda bem que a Maria Aparecida sempre me ajuda.

— Com certeza, fique à vontade.

— Vocês estão vindo da fazenda? Estão de bicicleta? – perguntou Lúcia.

— É engraçado ver alguém chamá-la por outro nome – sorriu Manoel.

— Aqui em casa o povo insiste em me chamar de Maria Aparecida.

— E por que Lúcia?

— Eu gosto desse nome, "Lúcia", prefiro que me chamem assim!

— Está bem! É seu direito.

— Lúcia, a gente queria falar com você.

— O que foi, Marcos?

— Nós vamos subir o Quinamuiú.

— É mesmo?

— Quando?

— Agora?

— Sério? Não aconselharia.

— Por quê?

— É bom ir cedinho ou no fim da tarde. Esta hora é muito quente.

— Está vendo, Manoel, ela sabe o que diz!

— É que na verdade, a gente só teria hoje para subir, e agora. Temos que estar em casa antes de anoitecer.

— Venha cá, por que tanta pressa?

— A verdade é que se não for agora, o Marcos vai acabar desistindo. E outra, sempre terá uma dificuldade.

— Também não é assim, eu não vou desistir.

— Bem, não é que seja proibido ir nesta hora. Só acho que vocês ficarão exaustos.

— Então, vale a pena?

— Se vale? Muito. Dá uma sensação de liberdade indescritível!

— É mesmo?!

— É agora que eu vou!

— Lúcia, a gente pode deixar nossas bicicletas aqui, em sua casa?

— Se formos na nossa casa alugada, demoraríamos mais ainda, sem contar que aqui já fica aos pés do serrote.

— Sem problemas. Encoste aqui, neste corredor.

— Obrigado.

— Se minha avó não estivesse precisando de mim, iria com vocês.

— Seria ótimo!

— Fica para uma próxima oportunidade.

— Agora temos que ir.

— Boa sorte, pessoal! Cuidado com a subida. Tem umas pedrinhas escorregadias.

— Obrigado. Vamos nos cuidar.

— Usem o boné, para proteger do sol.

— Está na mochila.

— Vamos colocar logo, pegue aí, Manoel.

Cada um com a sua mochila. Nela contendo água, frutas e alguns objetos que julgaram necessários. Bonés nas cabeças.

— Até mais tarde, Lúcia!

— Até.

— Tchau.

E seguiram rua abaixo e rua acima. Até alcançarem a trilha que os levaria ao serrote. O sol não estava para brincadeira. Ao mesmo tempo que soprava um vento forte, os irmãos se divertiam com os primeiros passos da aventura tão esperada.

— Marcos, vamos! Você perde muito tempo tirando foto.

— Sabia que às vezes eu acho você a cópia do pai?

— Tá brincando?!

— É verdade. Sua paciência é bem pouquinha! Relaxe. Isso aqui é pra se divertir.

— Eu estou me divertindo. Só tô de olho no tempo. Temos que ser práticos.

— Fala sério? Práticos? Dê um sorrisão aqui pra sair bem na foto!

Manoel não conseguiu resistir às brincadeiras do irmão e caiu na gargalhada.

Seguiram uma caminhada passando pelo centro da cidade, contornando- a em um trecho pela BR-020. Havia um vai e vem de pessoas, motos e carros característicos daquela cidade que é a maior da região dos Inhamuns. Mantiveram o ritmo dos passos. A ansiedade aumentara. Até que foram se aproximando.

— Olhe só! Agora é que vamos começar a subida – exclamou Manoel!

— Então nada de brincadeira, não é?! Concentração nas tais pedrinhas que escorregam.

Os dois respiraram fundo, como se tivessem ensaiado. E iniciaram a escalada.

— Meu Deus! É o que estou vendo mesmo?

— O quê, Manoel?

— Meu irmão, aqui tem rastro de gado. Tem gente trazendo gado até aqui para pastar.

— Que absurdo?

— Pensei que havia um raio em torno do serrote, o protegendo!

— Seria o ideal, mas pelo visto isso não acontece.

O início da subida ao Quinamuiú pareceu um pouco decepcionante aos olhos dos meninos. Talvez não esperavam aquele cartão de boas-vindas!

— Marcos, essas pedras escorregam mesmo. Cuidado!

— Acho melhor a gente segurar na mão.

— Mas não dá, porque um tem que ir atrás do outro.

— Você tem razão.

— Pela posição do sol já deve ser bem meio-dia.

— É isso mesmo, no meu celular está onze e cinquenta e dois.

— Já está cansado?

— Um pouco.

— É porque acordamos cedo e pela manhã fizemos várias coisas!

— O sol deixa a gente enfadado.

Manoel e Marcos já haviam passado muitas emoções juntos. Já haviam enfrentado muitos desafios incomuns. Na verdade, a vida de um se confunde com a vida do outro. Sempre juntos. Cumplicidade e compaixão reinavam naquela irmandade. E lá estavam os dois, em mais um capítulo da história deles, unidos.

— Engraçado!

— O quê?

— Não dá pra ver nada daqui. Para todos os lados que a gente olhe só vê mato!

— Estamos no meio do serrote, Marcos!

— E se encontrarmos um bicho!

— Só tenho medo de cobra. Jararaca.

— Tomara que não apareça!

— Não vai aparecer não.

Caminharam. Caminharam. Seguiram o conselho da amiga Lúcia e seguiram com passos firmes. Ficaram atentos às pedras.

— O bom é que tem essa trilha!

— Não tem erro. É só seguir em frente.

— Olhe lá, Marcos!

— Nossa, que lindo! Tudo tão verdinho.

Os irmãos pararam um pouco para contemplar a paisagem que dali perceberam. Visualizaram um açude e algumas casas.

— O pai chama de seca verde. Choveu o suficiente para aguar as plantas, mas não o bastante para fazê-las dar frutos.

— Sabe o que estou achando interessante também, Manoel?

— O quê?

— Essa variedade de flores por aqui. Pensei que era só mato seco. Sem vida, de longe a gente não faz ideia do que tem por aqui, não é mesmo?

— Verdade. Eu nem imaginava tantas cores.

Pouco pararam durante a subida. As pausas foram para beber água, contemplar a paisagem e claro, para Marcos fazer fotos. Muitas fotos.

— Olhe ele aí?!

— Ele quem?

— O Sr. Camaleão.

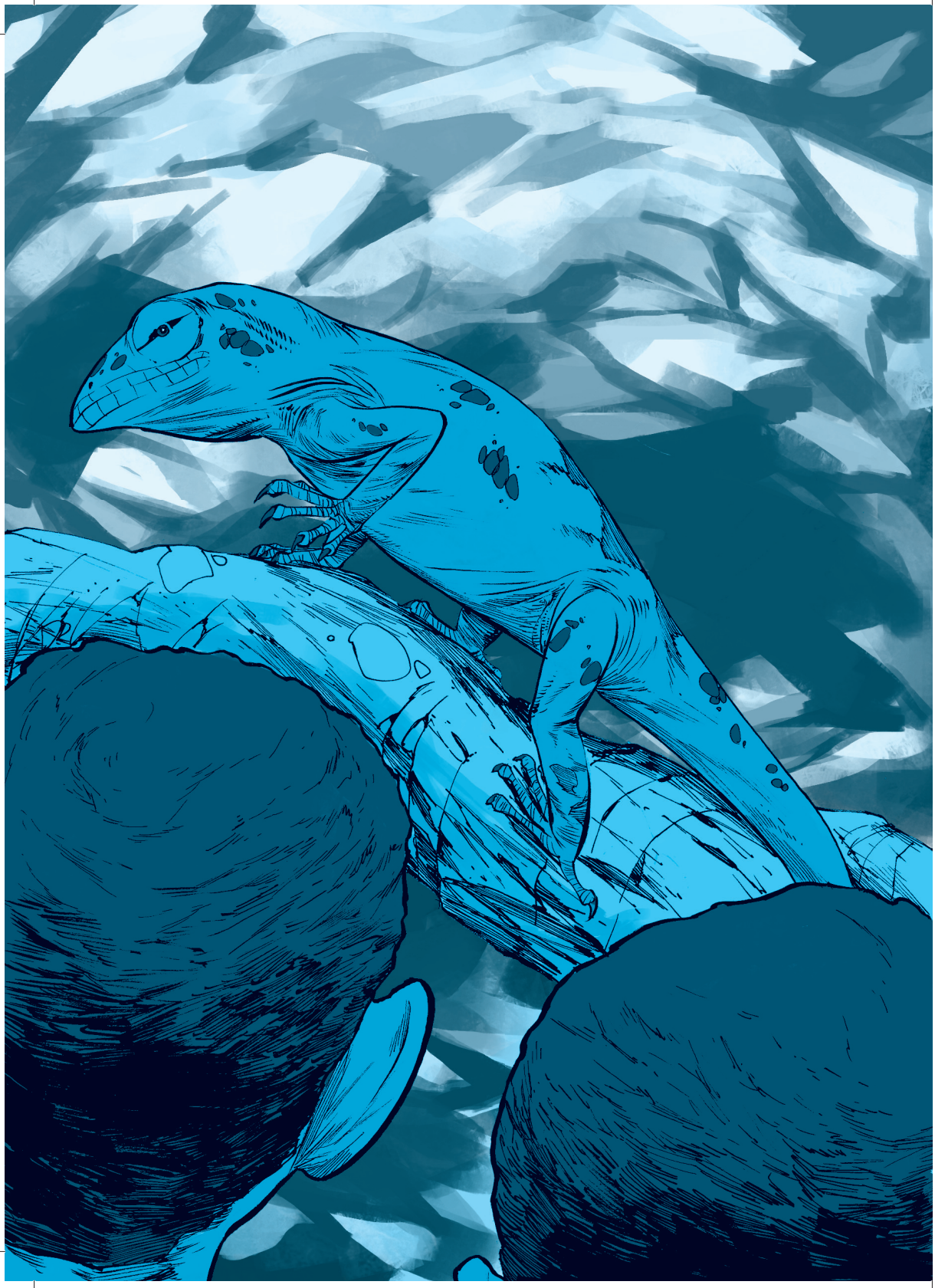
— Onde?

— Ali, olhe – apontou Marcos.

— Ah! Estou vendo. Mas também, ele está da cor do Quinamuiú, como fica difícil enxergar!

— Os animais têm esse poder. São as defesas. Pra fugir da morte eles mudam de cor, ficam como estátua, fazem qualquer negócio.

— O tamanho deste rabo!



— Vamos seguir em frente?

— Só um instante para uma foto e... podemos seguir.

Até que chegaram em um ponto do Quinamuiú que não possuía mais mata fechada. Havia várias pedras. Dali já dava para avistar que faltava pouco para o topo.

— Rapaz, pois não é que conseguimos!

— Não falei que seria simples. Não é nenhum bicho de sete cabeças.

— É cansativo!

— Também! Andamos bastante. Só mais um tanto e estaremos lá em cima!

— Olhe só a quantidade de lixo!!!

— O povo vem aqui e deixa sacos plásticos, garrafas, embalagens de biscoitos...

— Francamente!

— Tá tudo errado! Animais pastando, lixo poluindo... coitado do serrote!

— Na volta vamos recolher tudo isso, não é?

— Acho justo!

Escalaram mais alguns metros e, enfim, a conquista do Quinamuiú!

— Eu não estou acreditando nisso!

E fez-se um momento de silêncio. Estavam esbaforidos. Respiração ofegante. Sentaram-se e pareciam não pensar em nada. O olhar dos irmãos era vago – contemplavam a paisagem.

— Caramba!

— Rapaz, dá pra ver toda a cidade!

— Que vista é esta, meu irmão?!

Mais silêncio. Silêncio regado de caras e bocas. Foram minutos de contemplação e muito vento.

Manoel quebrou a tranquilidade:

— Conseguiiiiiiiiiiiiimos! – gritou bem alto Manoel. Um grito forte, bravo.

A calmaria de segundos antes deu lugar à euforia. Gritaram. Sorriram. Cantaram. Fizeram várias fotos.

— Essa vou postar!

— Dá mesmo uma sensação de liberdade!

— Todo mundo deveria subir até aqui para sentir isso! Dá um frio na barriga danado!

— Lá embaixo, não tem esse vento.

— De jeito nenhum.

Após a euforia, veio novamente o silêncio, de quem aprecia, permaneceram um longo tempo ali.

— No que você está pensando, Marcos?

— Em nada.

— Eu tô aqui lembrando do pai e da mãe. E da Manoela também.

— Lembrando de quê?

— Eles poderiam estar aqui com a gente, não poderiam?

— Ah! Mais fácil o sertão virar mar.

— Isso é!

— O pai tem o jeito dele.

— O que me intriga é que só a opinião dele prevalece. Nunca abre um espaço pra mudar de ideia, acatar o que a gente diz. E quando foi a última vez que ele abraçou a gente?

— Vixe?! E já abraçou?

— Mas, ele abraça a mãe. Abraça Manoela.

— Você tem é que aprender a conviver com isso, rapaz! Tem coisas que não mudam nunca.

— Eu vejo esse Quinamuiú... um gigante. O pai lá embaixo e nós aqui em cima. É mesmo tremenda a distância entre nós!

— Eita que você está um próprio filósofo!

— Filosofia? É, filosofia! Eu penso sobre isso mesmo.

— Manoel, não adianta você ficar triste com isso não, rapaz. Aproveite o que temos agora. Você quis tanto subir aqui!

— Está bem. O que fazer, não é?!

— Tá com fome?

— Morrendo!

— Pegue aí. Banana.

— Marcos, você pensa em tudo. Ô cabra detalhista!

— Rapaz, eu sou antenado, você está é por fora!

Sentados, admirando aquela vista de encher os olhos, fizeram um lanche. Comeram sem pressa. Marcos não parava de fazer fotos com o seu aparelho de celular, estava deslumbrado com o que via. Também, não era para menos. Era mês de julho e, apesar da seca, o serrote estava verde, os arredores de Tauá também. Dali de cima se podia ver o rio Trici, que abastece a cidade. Ver tudo aquilo por um outro ângulo estava sendo uma experiência fantás-

tica para os dois irmãos. O rio Trici mesmo, conhecem bem, convivem com ele desde muito pequenos, mas nunca haviam visto como ele é comprido.

Manoel, que estava entusiasmadíssimo para escalar o serrote, ficou bem pensativo, falava pouco. Ficou por um bom tempo jogando pedrinhas lá do alto. Mirava o rio Trici e atirava com toda a força. Por mais que soubesse da impossibilidade de atingir seu alvo, repetiu a atitude por várias vezes. Insistiu até cansar o braço.

CAPÍTULO 6

# Uma mina

— Marcos, você ouviu isso?

— Sim, ouvi, mas não dá para entender o que é.

— Também não compreendo!

— São vozes!

— E várias vozes?

— Seria um grupo que resolveu subir também?

— Pode ser. Vamos descer um pouco para visualizar.

Manoel puxou o braço do irmão e se direcionaram para detrás de uma pedra.

— Escute só, estão se aproximando!

— E o que tanto falam? Parece que estão com a língua desengonçada!

— kkkkk, é mesmo, Marcos!

Realmente, eram várias vozes e não estava sendo possível decifrar o que estavam a conversar.

— Sabe o que eu acho? Deve ser uma briga.

— Mas quem viria até aqui para brigar?

— Manoel, vai saber? Estou buscando uma resposta!

— Olhe aí, são três pessoas pequeninas.

— Ainda não vejo! Pequeninas?

— Sim, unas pessoas baixinhas. Valhei-me, não são daqui não, Manoel, olhe ali?

Manoel se esforçou, se esticou inteiro e enfim visualizou o trio:

— Valha, valha, valha! Eu nunca tinha visto esse povo por Tauá.

Aos poucos se aproximaram do trio:

— Esses outros aí, eu já vi lá no centro.

— Marcos, os três que vimos primeiro são estrangeiros, orientais e pelo visto estão conversando numa língua deles.

— É mesmo! E qual será a língua que estão falando?

— Sei não, mas português é que não é!

— Deve ser inglês. Esse povo geralmente usa o inglês quando saem pro mundo.

— Neste exato momento, estou me arrependendo, amargamente, de não ter me dedicado ao inglês na escola!

— E pra que você queria falar em inglês?

— Ora! Pra ir lá perguntar a eles o que estão fazendo aqui!

— Oxe! Mas não precisa, vamos lá e a gente pergunta aqueles dois que estão com eles.

— Espere um pouco, Marcos, a gente não pode chegar lá e pronto, pode ser perigoso!

— Perigoso? Hum, por quê?

— Ora, vai saber o que eles estão fazendo aqui? Turismo? Faz-me rir! Com essas roupas, não parecem estar aqui a passeio.

— Pensando por este lado... pode até ser. E o que vamos fazer? Ficar aqui escondido até eles irem embora?

— Mais ou menos.

— Como assim?

— Penso que a gente fica aqui observando para ver no que vai dar. Como defesa nossa!

O clima ficou tenso. Os meninos ficaram praticamente grudados. A mão de Marcos soava frio, continuaram observando. O trio estrangeiro realmente falava o idioma inglês entre si, e um deles, a única mulher, falava um português mais ou menos com os outros dois. Após alguns minutos deram as costas e iniciaram a descida.

— Marcos, vamos nessa, mas devagar, sem barulho.

— Tem certeza?

— É a única maneira de nos certificarmos de que eles irão embora e que o caminho estará livre para nós descermos.

— Venha cá, mas por que estamos com todo esse receio?

— Porque não sabemos o que eles querem, de fato!

Assim, foram seguindo a distância os passos da turma. Os estrangeiros se distanciaram dos outros

dois homens. Pouco mais de três minutos de caminhada e à frente uma espécie de caverna, gruta, algo do gênero.

— Marcos, eu já sei o que é isso, rapaz!

— Eu estou aqui me recordando do que a professora de geografia nos falava no último dia de aula, sobre uma empresa que estava explorando minérios no Quinamuiú.

— Isso mesmo! E sabe o que eles estão procurando? A pedra ametista!

— E pode?

— Eu acho que deve ser ilegal. Pensa comigo: se o serrote é da natureza e a natureza é do povo, não deve ser permitido perfurá-lo desse jeito, veja ali – apontou Manoel para onde estava o material de trabalho, provavelmente daqueles estrangeiros.

Um monte de pedras para um lado, o canto esquerdo totalmente devastado, até lixo havia espalhado por ali.

— Nem imaginava que aqui estava desse jeito! Quando a gente subiu não vimos a trilha que desemboca para cá, Manoel!

Naquele instante, os estrangeiros, com aspecto de arqueólogos, trabalhavam atentamente no "canteiro" de obra. Realmente, pareciam procurar algo. Os dois homens, reconhecidos por Manoel, estavam sentados, só observavam e cochichavam.

— Marcos, vamos sair de fininho, porque já deve ser tarde, temos que voltar para casa.

— Ir embora sem saber o que eles estão procurando?

— É ametista!

— Mas, não temos certeza!

— Que horas são no seu celular?

— Só um minuto, vou ver.

— Não estou a fim de problemas lá com o pai.

— Vixe! Já é mais de duas horas! Não vi o tempo passar!

— Eita! Vamos ser rápidos na descida!

Os irmãos já se preparavam para abandonar a vigília, quando Marcos viu algo que lhe chamou a atenção:

— Manoel, veja! Brilha mais do que estrela cadente!

— A pedra ametista!

— E não é uma pedra pequena!

— É porque ela está bruta, Marcos. Até ela se transformar em um anel é todo um processo!

— Mas ali dá uns vinte anéis!

— Pode crer!

— O que você está fazendo?

— Tirando uma foto. Só vão acreditar se a gente mostrar uma prova!

— Continuo achando que isso pode ser perigoso! Vamos, vamos logo!

Manoel saiu puxando Marcos pelo braço. Apesar de ser o mais destemido dos irmãos, tinha sua parcela de cautela.

— Venha Marcos, vamos por aqui!

— Manoel, por favor, vamos só dar a última olhada lá de cima! A gente desceu para ver os estrangeiros e nem nos despedimos daquela vista! E nem recolhemos o lixo que prometemos.

— Taí, concordo com você! Mas devagar, sem chamar a atenção.

Então, mudaram o rumo das passadas e ao invés de seguirem a trilha para descerem, pegaram à direita e subiram até o topo mais uma vez. Sentaram-se apoiados na mesma pedra que haviam encontrado antes. Os dois, mesmo usando bonés, faziam caras e bocas engraçadas, estranhando tamanha claridade.

— Sabe Marcos, às vezes me pergunto: como pode duas pessoas tão diferentes tornarem-se amigos?

— Do que você está falando?

— De nós dois?

— Somos irmãos.

— Mas isso não basta. Conheço tantos irmãos que não são amigos.

— Isso é!

— Você e eu somos bem diferentes.

— Bom, o segredo deve ser o sentimento. Deve ser o sentimento que une. E você está tão filósofo!

— Pare de rir!

— Se o sentimento nos une, então por que não une você e o pai?

— Talvez porque não tenha sentimento?

— Eu aposto como tem. Tanto seu como dele.

Beberam água. Deitaram-se. Pareciam ter esquecido a pressa para descer e encerrar a aventura daquele dia. Provavelmente, o cansaço havia lhes pego. O silêncio pairou. Os olhos de ambos se fecharam. Um cochilo veio manso e não lhes deu chance para defesa.

Foram alguns minutos de sono envoltos por um vento que parecia improvável no cenário seco onde se encontrava o Quinamuiú.

Até que o pôr do sol despertou Marcos. Um olho aberto de cada vez. Braços e pernas esticadas preguiçosamente. Alguém que parecia não lembrar que estava no topo de um serrote:

— Mãe, quero leite! – sussurrou Marcos, que ao olhar ao seu redor, atentou-se para onde ainda estava.

— Jesus, Maria e José, é hoje que o pai enfarta!

E ao direcionar o olhar um tanto para a sua esquerda, admirando a despedida do sol, percebeu que não estavam sozinhos:

— Valhei-me, meu pai! O que é isso?

Foi se curvando e encolhendo-se para perto do irmão Manoel que ainda dormia. E uma figura se aproximava dos dois. Mais de perto dava para perceber que era um homem, estava descalço e usava calças velhas. De certo não dava para descrever bem suas características, parecia meio índio, parecia meio negro, tinha porte de barão.

— Olá, menino!

Marcos deu um grito tão forte que dessa vez Manoel acordou desorientado:

— Ahhhhhhhhhhhh!

— O que foi isso, Marcos? Tá doido, homem?

— Doido, tô doido não! Tô é alucinando mesmo. Veja ali. E apontou para o homem que naquele momento estava de cócoras em cima de uma pedra, que lhes disse:

— Não tá na hora de ir pra casa, não?

— Quem é você? – perguntou Manoel, desnorteado, juriózinho!

— Vocês vieram até aqui, comeram, dormiram, viram o que queriam e o que não queriam e acho que já devem voltar para casa.

— Pra falar a verdade nós estamos é fritos! Nosso pai deve estar muito bravo com nosso sumiço! – falou Marcos.

— Venha cá, mas o senhor é quem mesmo?

O homem levantou-se, acendeu seu cachimbo e voltou a ficar de cócoras.

— Eu sou aquele que guarda esse serrote.

— Guarda? Guarda-florestal?

— Algo parecido.

— Ah! Então deve ser da prefeitura. É de confiança. O senhor pode nos ajudar a descer, está escurecendo e não temos lanterna. Só a do meu celular que está com a bateria fraca. Além do mais, estávamos dando um tempo até os caras estranhos irem embora. Você viu aqueles caras? Uns estrangeiros?

— Marcos, deixa de estupidez, tá vendo que ele não é guarda da prefeitura, nem nada!

— Como não?

— Ora!

— Eu sou aquele que guarda o serrote de todo o mal que possam fazer a ele – disse o homem com sua voz em tom grave.

— E que mal podem fazer contra ele, seu moço?

— Por aqui tenho visto de tudo, meu jovem. Tem gente que está tentando até arrancar ametista à força! Não se arranca da natureza algo que ela não quer dar!

— Ah! Como os estrangeiros que a gente viu mais cedo, não é? – interrogou Marcos.

— Isso mesmo! Eles querem a ametista e para isso seria necessário por o serrote abaixo.

— E você? Como você faz para guardar o serrote? É só um homem contra outros tantos e suas máquinas! – disse Manoel.

O homem olhou-os fixamente franziu a testa e lhes disse:

— Aqui eu já vi onça pintada sendo morta. Já vi também raposa, coruja e macaco fugindo de queimadas. Aqui eu já vi barris de pólvora sendo estourados. Já vi muita coisa ruim e o que tenho feito desde o primeiro dia que pisei meus pés no Quinamuiú é lutar como posso, peço ajuda, às vezes faço armadilhas, às vezes dou uns sustos...

— Ah! Sua especialidade é fazer medo ao povo, seu danado!

— Marcos, vamos falar sério?

— Seríssimo! E para provar toda essa prosa, vamos fazer uma foto?

Já sacando o celular da mochila, Marcos pediu ao guardião:

— Coloque a mão na cintura e faça cara de bravo. E Manoel, chegue perto dele, tenha medo não.

— Hahahah. Seu engraçadinho. Pare com isso!

— Eu já estou fazendo pose. Pode clicar! – disse o senhor que guarda o serrote.

Marcos fez uns cinco cliques.

— Essas minhas fotos vão fazer sucesso!

— E quando foi a primeira vez que você pisou os pés aqui? – perguntou Marcos.

— Vixe! Já faz um tempo! Não ligo muito para números, meu jovem!

— Então, você é uma alma penada que fica assustando o povo por aqui – disse Marcos, caindo na gargalhada.

— Rapaz, Marcos, não brinque com isso!

— Posso ser o que você quiser me chamar, mas quero lhe dizer que temos esse serrote como bem comum e que tanto eu como você temos responsabilidades sobre ele, disse abaixando-se para pegar uma latinha de refrigerante vazia que alguém deixou por lá.

— O povo deixa lixo aqui? Como pode!

— Tem um rapaz, o Luís, que sempre vem pra cá. Às vezes vem com um amigo, às vezes vem com um grupo, às vezes vem sozinho e sempre com uma máquina de fotografia. Ele deve de ter muitas imagens bonitas. Um dia ele se cansou da sujeira que tinha por aqui e organizou um mutirão para limpar o serrote. Fez a maior mobilização! Veio até padre com ele no dia da campanha.

— Eles o viram, Sr. Guarda?

— Não sei, acho que não. Mas, veja, quero pedir a ajuda de vocês.

— Ajuda?

— Sim. Tentem avisar às autoridades sobre a exploração do serrote. Avisar não, na verdade, convencê-las de que não pode haver recorrência disso.

— E como vamos fazer isso, Sr. Guarda? – perguntou Marcos.

— Não sei. Menino! Mas pense. Veja o que pode fazer.

— Vamos pensar sim – afirmou Manoel.

Enquanto conversavam, os últimos raios de sol se desfaziam no céu azul de Tauá. A perder de vista era uma cor alaranjada, meio rosa.

— Eu não gosto de pôr do sol.

— E por que não, Manoel?

— Porque me dá tristeza. Sou mais o raiar do sol que dá alegria.

— Eu gosto dos dois.

— E você, guarda do serrote, bem, como é mesmo o seu nome?

— Quinamuiú.

— Quinamuiú?

— É

— Como o serrote?

— Como o serrote. Eu e ele somos um só.

— Ah! Rapaz, eu já tinha visto falar em muita gente esquisita, mas esse guarda bate recorde!

O Quinamuiú virou as costas para os meninos e fez um sinal com a mão para que eles o acompanhassem.

— Venham, vou levá-los até lá embaixo.

— Rapaz, o jeito que tem é nós confiarmos nesse guarda, Manoel.

— Não vejo outra alternativa, Marcos.

A descida foi lenta devido à escuridão e ao medo dos meninos. Marcos falava desenfreadamente. Fez um interrogatório ao Quinamuiú:

— Você tem filhos?

— Não

— É casado?

— Não

— Tem namorada?

— Não.

— Namorado?

— Também não.

— Vixe! Pense num  homem que vive na solidão!

— Tenho meus amigos.

— Ah! Bom! Ao menos isso, que já é muita coisa.

— Eles moram aqui perto?

— Alguns sim.

— Quem?

— As árvores, as pedras, os bichos.

— Agora você falou como meu pai. Ele diz que os melhores amigos dele são os bichos e as plantas lá de casa! – falou Manoel.

— Como é o pai de vocês?

— O senhor quer saber? Ele é um sujeito bravo, fala pouco, trabalha muito e não abraça os filhos – disse Marcos.

— Sei. Cada um tem seu estilo.

— É o que eu digo para Manoel.

— Só sei que ele vai nos castigar por ter vindo até aqui.

— Será? – perguntou Quinamuiú.

— Se vai!

— Surpreenda-o!

— O quê?

— Deixe-o sem palavras!

— E como é que faz isso? Se você me disser a fórmula, nem sei o que lhe faria! – falou, em tom alto, Manoel.

Nesse instante eles avistaram uma luz, acanhada, mas esperançosa luz. Os meninos já estavam bem próximos aos pés do serrote.

— Parece uma lanterna.

— Não, parece que tem duas lanternas.

— Deve de ser gente perdida.

— Sr. Guarda, fique aqui perto da gente, viu? – disse Marcos com a voz embargada, no momento em que buscava o guardião do Quinamuiú com seu olhar.

— Marcos, não estou vendo o Sr. Guarda!

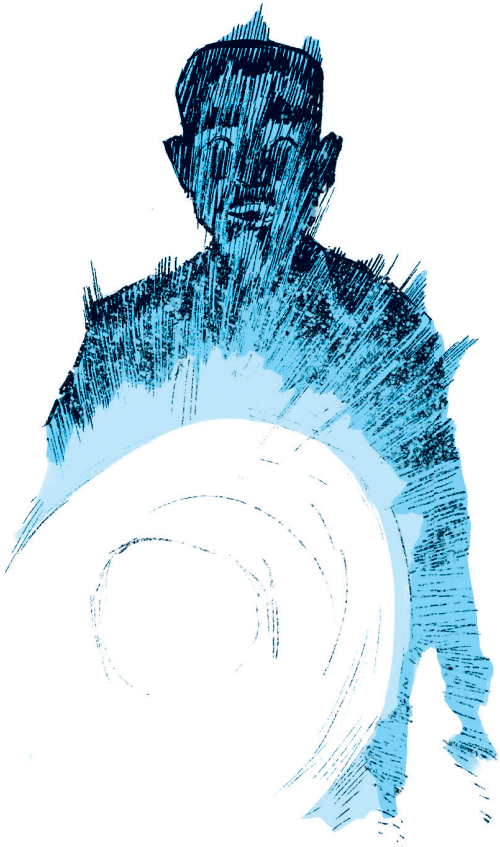
— Sr. Guarda!!??

— Esse cara nos deixa na mão num momento como esse!

O guardião os olhava de longe, do alto de uma pedra gigante, certamente não gostaria de ser visto por mais ninguém, mas também parecia querer saber que encontro esperava pelos meninos.

Curiosos e trêmulos, os irmãos deram alguns passos à frente. Encostaram-se um no outro e ficaram parados, à espera das pessoas que se aproximavam. Por que eles não correram? Por que não se esconderam do provável perigo?

Metade de Marcos e Manoel era medo e a outra metade muita vontade de voltar para casa.



CAPÍTULO 7

# Te (Me) Encontrar

Quando o frio na barriga impera. Quando a sensação de ter feito algo equivocado paira no ar. Quando um dia vivido parece ter sido uma eternidade de acontecimentos... novos sons surgem. Era um assobio. Um assobio forte.

— A gente sabe de quem é esse assobio, não sabe Manoel?

— Sim, sabemos! Ele veio até aqui? Ele veio até nós?

As faces eram indecifráveis! A presença do pai seria um alívio por ter alguém familiar para tirá-los da escuridão, para levá-los de volta a casa? Ou seria uma ameaça de castigo pela subida ao serrote, pelo sumiço dos dois? Não dava para saber ao certo o que estaria por vir. E os irmãos não conseguiam de imediato retribuir o assobio que deu lugar a gritos:

— Marcos? Manoel? Estamos aqui!

— E agora?

Enquanto Manoel pensava no que fazer, Marcos retrucou:

— Pai! Aquiiiiiiiiiii!!! Aqui!!!

— Marcos? Fiquem parados, vamos nos aproximar! – gritou o Sr. Elisário, que fez um sorriso discreto.

Naquele momento, o caminho que os separava já era mínimo. Os meninos já poderiam correr aos braços do pai. Foi o que fez Marcos, sem pensar muito, puxou a mão de Manoel e correu ao encontro do Sr. Elisário, o abraçou sem dar chance a palavras ou a lamentações...

— Pai!

Sr. Elisário não retribui o abraço. Na verdade, ficou boquiaberto, não sabia o que fazer. Aquilo o pegou de surpresa. Como ele poderia imaginar que seu filho o desarmaria daquela maneira? E parece até que Marcos tramou essa, pensando no que disse o Sr. Guardião do Quinamuiú!

Manoel, também no impulso da emoção, deixou tudo de lado e agarrou o braço esquerdo do seu pai.

Por alguns segundos eram ali: pai e filhos em um só corpo, sem ressentimentos.

Sr. Elisário estava acompanhado de um compadre, o Sr. Vieira, que iluminava a cena com uma lanterna bem velha.

— Vocês são mesmo uns danados!

— O senhor quer dizer, corajosos, não é Sr. Vieira?

— É, Manoel, corajosos!

— Mas também, muito teimosos, uns meninos maluvidos!

Falou em tom grave, Sr. Elisário, já afastando os meninos de si, e continuou:

— Como vocês fazem um negócio desses? Tão pensando o quê?

— Nós pedimos sua permissão, você é que não deu!

— Cale a boca, Manoel, que aqui o que vocês não têm é razão.

— Será, pai?!

— Olhe, menino, fique quieto, é melhor pra você.

— Pois eu não me arrependo e faria tudo de novo. E digo mais, o senhor é que perdeu em não subir com a gente. Aliás, você não faz nada com a gente, a não ser trabalhar, não é?! Pra trabalhar você quer nossa mão de obra!

— Ora, cale-se, eu já disse!

Sr. Elisário partiu para cima de Manoel, que foi mais ágil e se afastou do grupo rapidamente.

— Cumpadre, não é hora pra conversa. Vocês estão cansados. A cabeça não funciona direito. Vamos para casa? Venha Manoel, vamos pra casa.

Sr. Elisário partiu na frente, pegou a lanterna de Sr. Vieira e não mais olhou para trás.

— Você tinha que cutucar o pai, Manoel? Por que pra você é tão difícil ficar calado?

Manoel ficou cabisbaixo, nem respondeu ao irmão. Seguiram a caminhada naquela noite quente e seca, com lua minguante e céu estrelado. Sr. Elisário dava passos firmes e ligeiros e os demais tinham que acompanhá-los para não ficar na escuridão. Parecia até que ele estava apressando o passo mais do que o

normal, talvez por raiva, talvez por pressa mesmo.

— Sr. Vieira como é que vocês souberam que a gente estaria no serrote?

— Bem, o cumpadre soube por Manoela.

— Ora! Aquela menina não sabe mesmo guardar um segredo!

— Mas como ela ficaria com esse segredo, Manoel, vocês poderiam estar em perigo!

— Só que ela jurou não contar.

— Que irmã ficaria calada diante da angústia de uma mãe, de um pai? Passou do meio-dia o compadre ficou arretado, esperando por vocês e seguiu pra Tauá sozinho. A sorte é que a gente se encontrou no centro. Mesmo turrão, deixou que eu viesse junto.

Manoel estava com o olhar vago. No fundo gostaria de ter dado o abraço no pai como Marcos fez, ao que tudo indica ele gostaria que fosse tudo diferente entre ele e o Sr. Elisário.

— Manoel, deixa de besteira, homem! Cabeça pra cima! Você é tão resolvido da vida e tão mufino pra essas coisas do pai! Amanhã já vai está tudo bem.

— É, meu filho, não leve seu pai ao pé da letra. Quando não se tem o que se quer, melhor se convencer do que se tem.

— Eu bem que queria pensar assim, Sr. Vieira!

— Ei, Sr. Vieira, escuta só essa: no Quinamuiú tem um guardião.

Manoel sorri nessa hora. Marcos tinha esse hábito de mudar a conversa quando o assunto não é dos mais agradáveis.

— Que guardião, menino, um guarda?

— Não, um guardião mesmo, daqueles bem imponentes.

— Nunca ouvi falar.

— Ele é bem alto e negro com jeito de índio.

— Negro ou índio?

— Uma mistura dos dois.

— Não pode ser?

— Marcos, você que tirou foto de tudo, não tirou do guardião?

— Tirei sim, só que o celular descarregou.

Quando eu recarregar vou lhe mostrar, Sr. Vieira, o senhor precisa ver, ele tinha a roupa velha e rasgada.

— Então vocês sonharam foi um sonho junto, foi?

A risada foi geral.

— Não, sério, nós vimos – disse Manoel.

— Pois eu quero ver essa foto.

— Pois eu lhe mostro como é verdade.

— E o que mais vocês viram?

— Ah! Nós vimos até o que não era pra ver!

— Como assim?

Marcos e Manoel foram relatando ao Sr. Vieira tudo o que viram lá no serrote. Falaram sobre o estrangeiro que está explorando ametista, sobre o lixo, o vento, os medos e alegrias daquela tarde.

Do serrote até a chegada à avenida principal, o trio conversou tanto que fez até os meninos esquecerem o cansaço.

— Compadre Elisário, vamos até lá em casa que eu vou mandar deixar vocês.

— Não compadre, obrigado, mas quem chegou até aqui, pode chegar até lá em casa.

Ficou um clima estranho. Os meninos sentiram que já iniciara o castigo à desobediência.

— Mas, compadre, não seja duro demais, os meninos estão exaustos, com fome, não judie deles não!

— Não é judiar, só vou levar esses dois pra casa. Do jeito que é pra ser.

Quem dos meninos se atreveria, naquele momento, a se aproximar do pai tão furioso? E por isso deram uns passos para trás.

— Nossas bicicletas estão aqui, na casa de uma colega, temos que pegar.

— Então, temos que ir lá buscar.

— Lá tão bem guardadas, e deixem de trololó. Meu compadre, obrigado pela companhia, pela ajuda, e nós vamos seguindo. Vá desculpando qualquer aborrecimento.

— Tá certo meu compadre. Estou aqui, sempre que precisar. Deixe eu só fazer uma pergunta para os meninos: e vocês não tiveram medo na subida não?

— Não muito. Quer dizer um pouco. Melhor dizendo, muito.

— Marcos, eu não tive tanto medo assim!

— Não, imagine, eu vi na sua cara o ar de tranquilidade!

— Não disfarcei?

— Não.

Todos riram. Menos Sr. Elisário que mais uma vez virou as costas e seguiu andando. Sr. Vieira se despediu dos meninos e também virou as costas.

— Manoel, vamos logo, antes que ele vire pra trás e nos procure com o olhar que só ele tem.

— Engraçadinho, você!

A distância, foram seguindo os passos do pai. Famintos e extremamente cansados.

— Marcos?

— Diga.

— Eu tô com uns calos no pé que estão doendo demais.

— É mesmo? Você quer parar?

— Como?

— Eu peço ao pai.

— De jeito nenhum. Vamos até o fim.

— Mas o fim pode ser muito caro pra você, meu irmão. Já conseguimos o que tanto queríamos.

— Falta o principal.

— Que principal?

— O reconhecimento do pai.

— Que mané reconhecimento? Não blefe!

— Ele tem que reconhecer nosso valor! Nossa coragem!

— E pra isso você é capaz de acabar os pés com calos?

Manoel parecia obstinado em conseguir a atenção do pai. Se Marcos conseguiu desarmá-lo uma vez, talvez ele conseguisse também.

— O que você acha que fez o pai ir atrás de nós?

— Cuidado.

— Cuidado? Duvido.

— Eu acho. Que outro motivo?

— A mãe deve ter implorado para ele ir.

— Ok. Mas, ele poderia ter se recusado.

— Isso é.

— Então. Se conforme com o jeito dele e pronto.

— Tá certo. Eu hei de me conformar.

— O melhor caminho às vezes é não esperar nada. Deixe as coisas acontecerem, às vezes você morre de véspera. E quer saber mesmo a verdade?

— Que verdade?

— Você se parece demais com ele?

— Você tá é de brincadeira.

— Tô não. Assim como eu também você parece com ele em algumas coisas. Rapaz não tem escapatória, família não se escolhe já dizia a professora.

— Capaz que eu pareço com ele. Caminha, vamos.

Manoel já estava puxando uma perna com dificuldade e sentia seu pé molhado dentro do tênis, poderia estar encharcado de suor.

— Manoel, vamos pedir pra parar e ver seu pé.

— De jeito nenhum. Nós vamos conseguir.

— Pai. O Manoel precisa de ajuda! – gritou Marcos.

— O que você fez? – retrucou Manoel.

— Ele precisa de ajuda? Pra quê? Perguntou sem virar-se pra trás.

— Tá cheio de calo no pé dele.

— Só? E isso é lá nada!

— Eu pedi pra não falar com ele, Marcos – disse Manoel bem baixinho.

— Pensei que ele fosse parar.

— Pensou errado. Ele quer testar a gente. Deixe.

Os 22km que separam cidade e casa mais pareciam ter duplicado. Mesmo eles caminhando bem rápido, a ansiedade por um prato de comida, um banho e um escalda pés consumiam aqueles dois.

— Se a mãe tiver feito arroz Dolores eu dou três pulinhos.

— Com que força você vai dar três pulinhos, Manoel?

— Eu tiro essa força nem que seja do último suspiro.

— E se ela tiver feito farofa?

— Aí eu dou seis pulinhos.

Sorriram e Marcos começou a lembrar de umas piadas da escola e as foi contando ao longo do caminho.

— A casa caindo e você contando piada, Marcos! Admirável!

— Não tenho tempo pra tristeza.

— Não se trata de tristeza, mas o momento é tenso!

— Tenso?

— É mesmo. Minha fome tá me deixando tenso!

Sorriram novamente. Seguiram caminhando sob a luz da lanterna do pai. Que sem querer dizer, apesar da raiva, estava a zelar por aqueles que são seus.

CAPÍTULO 8

# De volta para casa

Pai e filho ali, um atrás do outro, metros os separando, e um verdadeiro abismo de sentimentos os colocando em linhas opostas. Sr. Elisário punia seus filhos pela desobediência, pela mentira. Para ele, aquilo tudo era um atentado à honra do pai, à sua moral. Ora! Era ele quem determinava os caminhos da família e como pode alguém de uma hora para outra desviar a norma?

Sr. Elisário se sentiu tão ofendido que nem sequer parou para pensar nos outros aspectos daquele equívoco cometido pelos meninos. Afinal, muito havia por trás das atitudes dos irmãos. Marcos já havia aprendido a conviver com o pai, mesmo possuindo as mesmas queixas de Manoel, ele não ficava a esperar os retornos que tanto ansiava seu irmão.

O amanhã dos dois irmãos e daquela família ainda estava por se dizer:

— Nunca foi tão demorado chegar em casa, não é?

— Pois sim!

— E você tá aguentando com esses calos, Manoel?

— Não estou aguentando. Já passou da fase de doer. Já não estou sentindo meus pés.

— Vamos parar. Nem que o pai vá sem nós.

— Ele não vai sem nós. Você não entende?

— Ora! Se você não aguenta, o que se pode fazer?

— Marcos, meu irmão, isso aqui é um castigo dele pra nós. Acorda!

Os irmãos falavam bem baixinho para que Sr. Elisário não escutasse as queixas.

— Sendo assim a gente pode denunciar no Conselho Tutelar?

— Você não perde a piada!

— Não é piada!

— Não tem justiça no mundo que possa compreender o que há entre nós. Isso é coisa de casa.

— Você acha que ele vai fazer o quê, quando chegar em casa? Nos matar?

— Não, matar não. O previsto é que ele dobre nossa jornada de trabalho.

— Ufa! Ainda bem que daremos conta. Somos fortes!

— Não se trata disso. Ele quer provar que quem manda é ele. E eu só quero que ele entenda que somos diferentes.

Fez-se um silêncio longo mais uma vez. Naquela altura já estavam na metade do caminho. E dona Fátima, certamente, os aguardava ansiosamente.

Dali por diante os irmãos não conversaram mais. Ou por falta de assunto ou por falta de força. Em menos de vinte e quatro horas muita coisa estava acontecendo e seus corpos cansados imploravam por descanso.

Sr. Elisário não olhava para trás de jeito nenhum. As passadas continuavam firmes como no início da caminhada. Era uma marcha contínua. Difícil imaginar o que passava por sua cabeça.

— Eita que só faltava essa! – Marcos quebrou o silêncio.

— Um gambá certamente passou por aqui! – comentou Manoel.

— Eita bicho fedido!

— Pra fechar nossa chegada em casa com chave de ouro.

— É mesmo!

Nem a fedentina mudou o semblante do Sr. Elisário.

Dali não saía nada, à primeira vista.

Caminharam, caminharam, caminharam. Até avistarem a cancela que dá acesso à fazenda.

— Graças aos céus! – falou Manoel.

— Só mais umas passadas e a gente entra em casa.

De onde estavam dava para ver que a luz da calçada estava acesa.

— A mãe deve estar esperando por nós.

— E a Manoela também. Estou é com saudade das duas, isso sim!

— E eu também. Vamos apressar?

Encontrar a mãe e a irmã foi o incentivo para acelerar o passo e encerrar aquela jornada.

Dona Fátima não se aguentou e veio encontrá-los quando estavam abrindo a cancela:

— Meus filhos! Vocês estão aqui!

— Mãe!

— Mãe!

Ela não sabia quem abraçar primeiro. Abraçou os dois de uma vez só e depois ficou cheirando um e outro. Apertava. Dava aqueles tapinhas nas costas. Assanhava o cabelo.

— Espere aí, mãe!

— A gente não tem mais força!

— Ai meus filhos! É mesmo! Devem estar cansados! Desculpem a mãe de vocês, mas não sabem como morri de preocupação!

— Desculpe a gente, mãe, não queríamos preocupar você!

— Nós só demoramos porque tanta coisa aconteceu...

Enquanto mãe e cria se lambiam, Sr. Elisário passou direto, mal cumprimentou a esposa e seguiu para calçada.

— Imagino! Depois quero saber de tudo, mas agora vamos pra casa, o almoço está esperando desde cedo. Guardei o arroz Dolores na panela para que comam o pregado. E Manoel, meu filho, o que há em sua perna? Por que está puxando?

— Não é a perna, mãe, Manoel está cheio de calos nos pés.

— Ave! Meu filho, chegue, vamos cuidar disso.

— Mãe, acredite, se eu cheguei até aqui hoje é porque meus pés são de aço!

— E por que não pararam em Tauá? Por que não dormiram na casa de lá?

— Foi o que eu disse, mãe. Até o Sr. Vieira chamou a gente para ficar lá, mas sabe como é o pai.

— Seu pai obrigou vocês a virem até aqui a pé depois do dia todo fora? E o que houve? Onde vocês estavam, afinal?

— Bem, a gente subiu no Quinamuiú.

— O quê?! Então vocês realmente subiram lá?!

— Mas, mãe, nem se preocupe porque foi muito tranquilo. A senhora tem que ir um dia!

— Eu não acredito! Tanto que a gente falou para vocês que não era pra ir!

— E foram com quem?

— Só.

— Só? Como?

— Indo. Faz tempo que a gente sabe da trilha. Não tem mistério.

— Vocês desobedeceram nossas palavras. Isso é muito sério.

— Mãe!

— E eu tô com fome demais!

— Está bem. Vamos entrar. Ai, ai, é por isso que Elisário chegou com cara de bicho!

Os três foram se aproximando e caíram nos braços de Manoela:

— Vocês são meus heróis!

— Oh, flor! Só você para nos dengar depois desse dia!

— Quero que me contem tudo. E já posso ir com vocês da próxima vez.

— Manoela, você não guardou nosso segredo?

— Rapaz, Manoel, a mãe estava pra pôr um ovo!

— Vocês três! Ainda vão me matar!

— Que é isso, mãe! Só se for de orgulho!

— Também, Marcos, também. Vou pôr o jantar na mesa.

Sr. Elisário assistia a tudo calado. De perto dava pra ver seu bigode trêmulo. Dona Fátima, sábia que era, não puxou assunto com o marido, certamente estava a esperar por um momento oportuno.

Manoel e Marcos correram para tomar banho na bica do quintal. Seu Elisário fez aquela bica quando eles eram crianças. Vez ou outra alguém toma banho lá.

Manoela ficou sentada ao lado do pai. Talvez para transmitir a ele de que ela estava ali para lhe fazer companhia, que ele não estava sozinho.

— Pessoal, terminando aí o banho, venham à mesa. Gritou a mãe que estava toda eufórica.

Os meninos logo encerraram o banho. E em poucos minutos, todos estavam à mesa. Pai, mãe e filhos repetindo um ritual sagrado daquela família:

— Nesse momento eu agradeço a Deus, que é a força maior do universo, pela minha família e pelo pão de cada dia. Amém! – citou dona Fátima.

— Amém – responderam todos, inclusive, Sr. Elisário.

— Também quero agradecer a Deus por estar aqui, em casa, com vocês. Amém! – Marcos falou.

— Amém! – responderam todos, inclusive, Sr. Elisário.

Em silêncio, fizeram seus pratos à vontade. Apesar da euforia, respeitaram o estado do pai e não tocaram no assunto: Quinamuiú. Foi um jantar sem discussões. Os meninos mal podiam com os talheres de tão cansados.

— Já acabou Manoel? Coma um pouco mais, meu filho!

— Obrigado, mãe. Tô satisfeito. Amanhã, eu tiro o atraso – falou sorrindo.

— Milagre você comendo pouco! – disse Manoela.

— Só penso em me deitar.

Naquele instante, Sr. Elisário levantou-se da mesa, passou pelo banheiro e entrou em seu quarto. Ao que tudo indica, para ele o dia poderia encerrar há tempos.

Logo depois todos fizeram a mesma coisa. Recolheram a louça e seguiram para o descanso.

— Vamos deixar essa louça toda para amanhã que hoje ninguém dá conta de ficar em pé!

Dona Fátima e os filhos apagaram as luzes externas, fecharam as portas, checaram as janelas e buscaram o recolhimento.

— Está todo mundo bem?

— Sim, mãe!

— Manoel, meu filho, deixe eu ver seus calos.

Manoel foi levantando a perna em direção à mãe.

— Nossa, mas está em carne viva! Você nem vai conseguir dormir de dor! Vou buscar um remédio e uma pomada.

Enquanto dona Fátima buscava algo para aliviar a dor de Manoel, Marcos colocava seu celular para carregar e com Manoela bisbilhotava as imagens que fez no Quinamuiú.

— Manoela você nem acredita no que a gente viu!

— Viram onça?

— Não! Mas foi coisa demais! E o melhor foi um cara índio negro que estava por lá, guardando o serrote como diz ele.

— Como assim guardando o serrote?

— Guardando. Tipo um guarda.

— Deixe disso, Marcos, ele não era guarda, era um forasteiro maluco!

— Pois me mostre as fotos. Tem foto dele?

— Tem sim, espere um pouco, vamos passando uma a uma.

Dona Fátima voltara para o quarto. Massageava os pés de Manoel com uma pomada gelada e ouvia as histórias dos meninos.

— Valha, Manoel!

— O que foi?

— Que negócio esquisito!

— O quê?

— As fotos que fiz do homem índio, negro e guarda.

— O que é que tem, rapaz?

— Ele não aparece nas fotos!

— Que marmota é essa!

— Marmota nada!

— Veja você! – disse Marcos, entregando o celular para o irmão.

— Nossa! O que é isso? Só uma sombra! Não pode ser! E todas as fotos ficaram assim!

— Será que ele era uma alma? – perguntou Manoela.

— Essas coisas não existem, minha filha!

— E como explicar isso?

— Não sei!

— Só sei que ele fumava cachimbo.

— Cachimbo? Fumava cachimbo como a dona Bela?

— Quem é dona Bela, mãe?

— Uma senhora que apareceu no Bom Jesus, sem ente nem aderente.

— Sei não, viu, que esse cara era muito esquisito e agora mais ainda.

A conversa se prolongou alguns minutos. Os quatro tentando encontrar uma resposta para o fato de o homem misterioso do serrote não aparecer nas imagens. E quem poderá explicar isso?

— Bem, eu já vou me deitar.

— Vai enfrentar a fera, mãe?

— Não fale assim, Manoel, seu pai ficou por demais preocupado. Assim que deu por falta de vocês, pegou carona e foi pra Tauá.

— Não foi você quem o obrigou?

— Que nada! Ele mesmo tomou a iniciativa.

— Milagre! Deve ter se preocupado com a mão de obra da gente, isso sim.

— Meu filho, se desarme um pouco. Você fala de seu pai, mas não cede um minuto.

— Manoel, eu estava aqui, vi como o pai ficou realmente preocupado – disse Manoela.

— Vamos dormir, que estamos todos cansados – retrucou Manoel.

Marcos continuava a fuçar o arquivo de imagens do seu celular. Sem entender o sumiço do guardião do Quinamuiú nas fotos. Dona Fátima beijou e abraçou os três filhos. Saiu apagando as demais lâmpadas e recolheu-se no quarto do casal.

— Elisário? Você já dorme?

— É pra responder?

— Claro!

— Então não, não estou.

— Obrigada por tudo, meu querido. Obrigada por resgatar nossos filhos. Obrigada por trazê-los de volta. Mas não precisava judiar dos meninos os fazendo vir a pé.

— Eles tinham que pagar de alguma forma.

— Mas respeito, amor, gratidão... essas coisas não são moeda de troca.

— Não me venha com sua poesia, Fátima.

— O que quero dizer é que você foi um grande pai e, ao mesmo tempo, perdeu uma excelente oportunidade de conseguir consagrar o amor dos seus filhos por você.

— Já disse, não me venha com poesia!

— Amanhã, quando tiver oportunidade, ouça seus filhos. Sem julgar. Ouça, homem.

Sr. Elisário só se virou para o outro lado e apagou a luz da pequena luminária que estava acesa do seu lado. Dona Fátima não se intimidou e deitou-se ao seu lado, o agarrou pelas costas e disse:

— Eu gosto de você, Elisário. Do jeito que você é, eu gosto de você.

Ele sorriu com o canto da boca e segurou a mão de sua esposa com firmeza. Sr. Elisário segurou muito firme sua emoção, se por fora era casca grossa, por dentro, naquele momento, um bilhão de coisas a salpicar em músculos e vísceras.

Já passava de uma hora da manhã. Daqui a pouco será dia novo. Antes do sol nascer já haverá trabalho e uma vida a se escrever.

CAPÍTULO 9

# Para cada sol, um recomeço

O galo canta desde às três horas da madrugada. E Sr. Elisário não ouviu o canto que o desperta todos os dias ao longo desses anos. Quando percebeu, os raios de luz já passavam pelas frestas do telhado e deu um pulo da cama:

— Misericórida! Que horas são?

Vestiu-se e saiu correndo rumo à cozinha.

— Fátima, mulher, o que aconteceu? O galo não cantou?

— Deve ter cantado, nós é que não ouvimos?

— Valhei-me! Quem já se viu uma pessoa dormindo até essa hora!

— Mas hoje é um dia diferente, Elisário!

— Diferente? Por quê?

— Ontem foi muito puxado. Hoje há de ser mais calmo.

— Ora! Mulher! Que doidice!

Dona Fatima sorriu no momento em que coava o café. Aliás, aquele cheiro de café pela casa era embriagante!

Sr. Elisário correu para o curral e chegando lá, deu de cara com os três filhos tirando o leite das vacas. Coçou a cabeça. Abotoou a camisa. Coçou a cabeça novamente e quer saber da verdade? Ele não sabia nem o que dizer, nem o que fazer. Foi quando tomou a iniciativa de pegar um banquinho e se juntar aos meninos na atividade. A noite de sono e o inesperado que via, parece ter desmanchado o semblante de raiva de horas atrás.

— Bom dia, pai, sua benção!

— Deus o abençoe.

— Benção?

— Deus o crie para o bem.

— Benção?

— Deus a faça feliz.

Naquele instante não havia divergências. O objetivo era um só e todos estavam em busca de alcançá-lo.

Até Marcos quebrar o gelo:

— O pobre do galo deve ter se esguelado e ninguém deu conta!

— Ou então ele resolveu tirar férias! – brincou Manoela.

Sr. Elisário respondeu envergonhado:

— Isso nunca tinha acontecido.

— Foi o cansaço pai – disse Manoela.

— Pai, lá no serrote tinha uns estrangeiros falando inglês, querendo tirar ametista. – disse Marcos.

— E faz é tempo que o povo quer enricar com as pedras de lá. Gente daqui e gente de lá.

— Pai, a prefeitura ou a polícia já sabe dessa exploração? Será que é legalizada?

— Não sei, não. Mas isso não é problema nosso.

— Como não, pai! – retrucou Manoela!

— Ora!

— Pai, o senhor vive dizendo pra gente respeitar a natureza. O Marcos lhe diz que estão devastando o Quinamuiú e o senhor nos diz que o problema não é nosso?

— Pois é pai! Ajuda a gente a avisar a polícia!

— Bom. De certa forma. Bem. Vou dar um jeito. Vou perguntar lá ao advogado do sindicato. Mas não tô prometendo nada. Vou só falar com ele.

— Já é um início – disse Marcos.

— Meninos, a gente também pode postar as fotos no Facebook e no Instagram, daí muita gente vai ficar sabendo.

— E do que adianta muita gente saber, menina! – indagou o pai.

— Adianta muita coisa porque não podemos nos calar diante de absurdos.

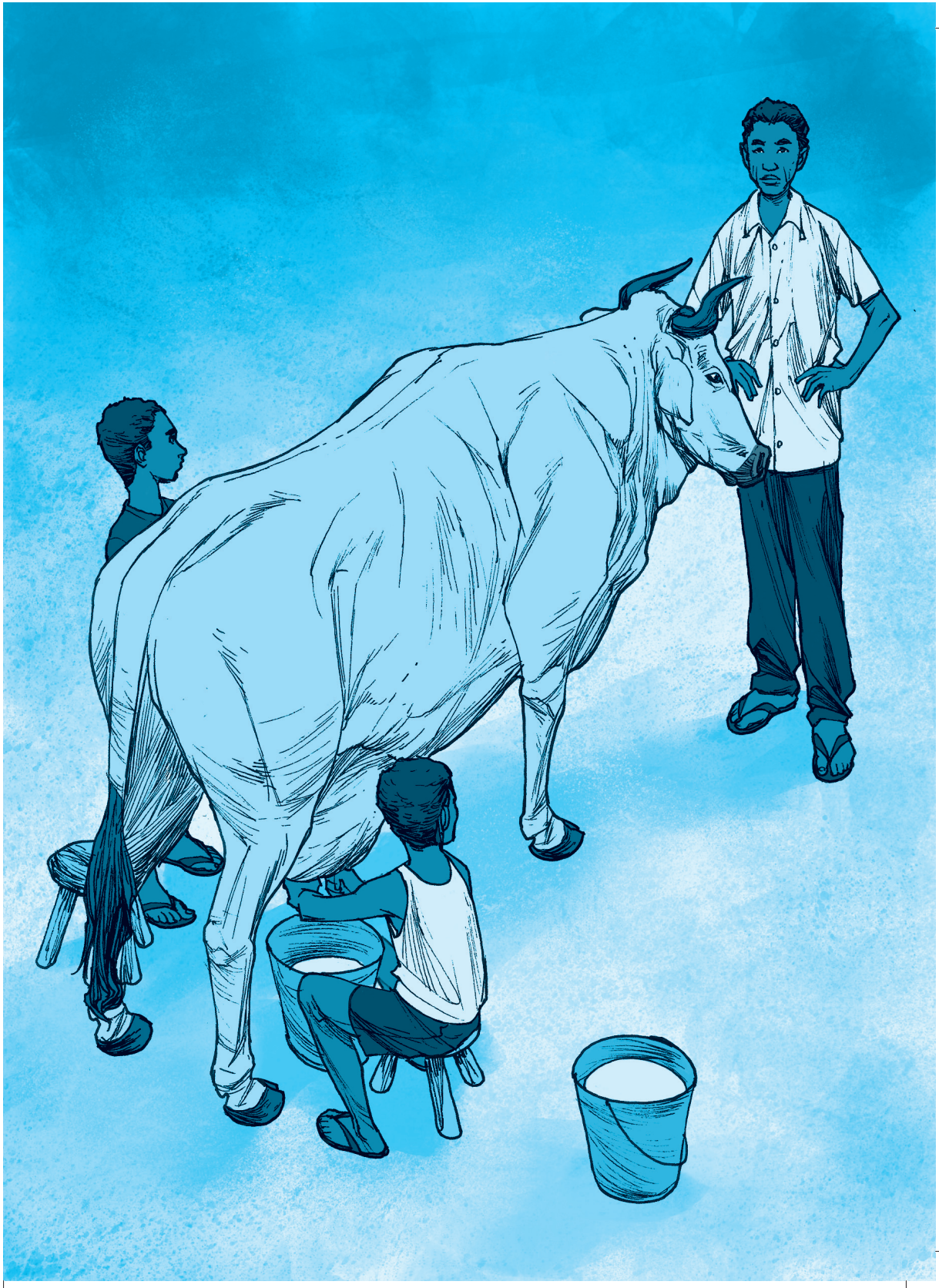
— Ouvindo Manoela falar, parece você em outros tempos, marido!

— Deixe de história, mulher. Deixe de história!

— Que outros tempos, mãe?

— Vocês deixem de moda. Vamos apressar aqui o leite – desconversou Sr. Elisário.

— Tem gente que trabalha porque quer. Tem gente que trabalha porque precisa e tem gente que trabalha só pensando em enricar.



— Taí, Manoel, agora eu concordo com você!

Manoel ficou tão empolgado com a frase do pai que aproveitou o ensejo para perguntar outras coisas...

— Concorda?

— Sim, concordo! E no meu caso, eu trabalho é porque eu gosto.

— Sempre foi assim, pai?

— Nem sempre. Tenho lembranças muito ruins do tempo em que era criança.

— Por que, pai? – perguntou Manoela.

— Ah! Porque no passado a gente trabalhava na roça desde muito pequeno. Eu mal podia com a enxada e o avô de vocês já me levava pra limpar, arar a terra.

— Mas, o senhor também fez isso com a gente, não fez?

Marcos e Manoela gelaram com a pergunta do irmão.

— A diferença é que eu não exploro vocês. Meu pai, nem um prato de comida me dava, às vezes. Eu me salvava na casa da vó Ana.

— O senhor não explora, mas pega pesado, sabia?

— Na vida, é importante que vocês não façam corpo mole, Manoel!

— Eu gosto de trabalhar com a terra. Gosto mais do que estudar.

— Já sei disso!

— E isso é bom, não é!

— Sinceramente, eu não posso nem apontar, porque como você, prefiro trabalhar do que estudar – respondeu dona Fátima e continuou – mas minha criação foi muito diferente da sua. Meu tempo era outro. O povo tinha de dez a vinte filhos para ter muita mão de obra. Tinha homem que casava com a mulher já pensando nisso.

— Ainda bem que não sou desse tempo! Vou correr léguas de homens assim! – disse Manoela.

Todos sorriram.

— Se, quando criança, eu tivesse desobedecido meu pai como vocês fizeram ontem...

— O quê?

— Ah! De uma surra eu não me livrava.

— Mas acha isso certo?

— O quê?

— Bater numa criança porque ela erra?

— Hum, não me venha com esse papo, Manoel, que aqui não tem mais nenhuma criança – esbravejou Sr. Elisário.

— Pois é, mais um motivo, pai, nós já estamos crescidos. Já nos responsabilizamos por tantas coisas, porque não temos o direito de fazer uma aventura, de ir a um forró, de convidar nossos amigos para passar um fim de semana aqui?

Sr. Elisário olhou no olho de Manoel. Respirou fundo e calou-se.

Ninguém esperava que aquela conversa surgisse logo após a tempestade do dia anterior. Sr. Elisário juntou os baldes de leite e foi despejando um a um

num galão grande de alumínio. A maior parte ele vende para uma empresa de laticínios.

— Pai, a mãe fez o café.

Sr. Elisário permaneceu em silêncio.

— Elisário, meninos, vocês não sentiram o cheiro do meu café? – esbravejou dona Fátima.

— Estamos indo mãe! – gritou Marcos.

Manoela e Marcos se apressaram em direção à cozinha. Manoel caminhava devagar, puxando a perna esquerda devido aos calos, enquanto Sr. Elisário lavava e empilhava os baldes que trazia do curral.

De fato, o cheiro do café de dona Fátima era envolvente.

— Venha homem! Deixe aí o serviço! – mais uma vez gritou dona Fátima.

— Ora! Mas que vexame! Não vê que já estou terminando!

Aos poucos, Sr Elisário foi se chegando à mesa da cozinha onde esposa e filhos degustavam tapioca

com queijo, além do leite com café. Sentou-se no lugar de sempre e fez sua refeição cabisbaixo.

— Pai, você vai hoje na cidade?

— Não sei. Por quê?

— Porque nós temos que pegar nossas bicicletas – explicou Marcos.

— É provável.

— Pois se o senhor for, nós iremos.

— Basta ir um. Pra que esse monte de gente pra pegar duas bicicletas.

— Então vou eu – disse Manoela.

— É capaz. Você nem sabe onde mora Lúcia – afirmou Manoel.

— Quer apostar como eu sei!

— Vai Marcos – ordenou o pai.

— Claro! Imagine se eu seria o escolhido!

— Manoel, meu filho, deixe disso, você está com os pés feridos – tentou amenizar a mãe.

Marcos e Manoela ficaram em silêncio. Manoel deixou a tapioca pela metade e saiu para a calçada da casa.

— Depois do almoço a gente vai, Marcos, esteja pronto.

— Certo, pai.

Manoela caminhava rumo ao irmão quando o pai lhe falou:

— Fique aqui, Manoela. Ele que tem que pensar nas caraminholas que diz.

— Pai.

— Nem pai. Nem nada. Deixe.

Dona Fátima mesmo contrariada nada falou e com a ajuda de Marcos e Manoela dedicou-se a limpar a pia que estava lotada com a louça da noite anterior e do café.

— Trabalho de casa não tem fim, não é mãe?

— Ô!

— E se não fosse o super Marcos aqui o que seria de vocês?

— Ô menino gaiato!

— Convencido!

— Que nada! – sorriu.

Sr. Elisário ficou num entra e sai de casa danado! Aquele trabalho de criar bichos era por demais dinâmico. E Manoel, bem, já não estava na calçada. Cansou de olhar paisagem e entrou para o quarto onde tentava arrumar a bagunça que os três fizeram para dormir. Pegou o telefone celular do irmão e olhou as fotos da subida ao Quinamuiú.

— Mas rapaz! Que negócio estranho esse guardião não aparecer nas fotos. Que marmota! – falou baixinho.

Dona Fátima entra no quarto.

— Olhando o que aí?

— As fotos de ontem.

— É muito bonito lá de cima?

— Demais, mãe. Não sei nem como descrever tamanha beleza.

— Nunca tive coragem. Você já é mais evoluído

do que eu em tantas coisas e agora mais isso! Agora, voltando pra cá, esses lençóis você coloca na parte alta do meu guarda-roupa, pegue uma cadeira para alcançar. Que esses outros vou colocar pra lavar.

— Tá certo.

— Você consegue?

— Não estou tão quebrado assim!

— Que bom! Vou fazer o almoço. Manoela e Marcos estão me ajudando porque o serviço acumulou demais lá na cozinha.

Manoel sorriu para a mãe e começou a dobrar os lençóis. Colocou os fones nos ouvidos para ouvir sua *playlist* composta por forró e sertanejo. Esvaziou as mochilas. Selecionou lixo. Esticou as colchas nas três camas e seguiu para o quarto dos pais. Deixou os lençóis em cima da cama e buscou uma cadeira na sala.

— Ah! Essa cadeira é baixa.

Resmungou Manoel, tentando alcançar a porta superior do guarda-roupa. Foi à sala e pegou mais uma cadeira. De volta ao quarto, empilhou uma ca-

deira na outra e enfim, pode cumprir tudo conforme sua mãe havia solicitado. Ao fechar a porta, Manoel se apoiou na parte superior externa do móvel quando sentiu algo diferente,

— O que é isso?

Então puxou o objeto.

— Vixe! Essa bolsa aqui é das antigas! Parece coisa do meu avô Raimundo, que Deus o tenha!

Pensando mesmo em se tratar algo do seu avô, rapidamente desceu da cadeira, sentou-se na cama, levantou-se e abriu um pouco mais a janela. De volta à cama, abriu o zíper maior e encontrou um recorte de jornal, bem antigo, papel quase desmanchando em suas mãos. Havia também uma carteira.

— Ah! Isso são documentos do pai. E ele guarda essa carteira velha do sindicato dos trabalhadores aqui. Por quê? Apego?

Voltou sua atenção ao recorte de jornal e percebeu uma manchete grifada de vermelho, na qual estava escrito:

— Sindicalista morre nos Inhamuns – falou em voz baixa.

Respirou fundo. Arregalou os olhos e leu a pequena matéria no canto esquerdo da página do jornal.

— O que é isso? Meu avô Raimundo!

Naquela nota havia o registro do assassinato do Sr. Raimundo Mendes da Silva. Citava que o mesmo era sindicalista e vinha fazendo denúncias sobre posse inapropriada de terras, por parte de alguns fazendeiros, na região dos Inhamuns.

— Como é que eu nunca soube disso! Nunca se comentou, aqui em casa, a causa da morte do vovô. Mas por quê?

Manoel leu e releu aquele jornal. Até que...

— O que é isso? O que você está fazendo?

Sr. Elisário indagou rispidamente ao filho que não conseguia responder.

— Deixe isso! Não lhe pertence. Ora!

Manoel estava tão estarrecido com a nota que não conseguiu expressar reações, saiu do quarto devagarinho enquanto Sr. Elisário enfurecido guardava tudo na bolsa. Manoel foi saindo pela sala bem manso até chegar à calçada. Sr. Elisário ficou com a bolsa embaixo do braço e andando de um lado para o outro do quarto, parecia não saber o que fazer. Na calçada, Manoel sentou-se perto de um jarro e ficou ali por um bom tempo, pensativo, quieto, sem dar conta de todo o movimento de trabalho da mãe e dos irmãos na cozinha e no quintal.

— Elisário! Chamou dona Fátima que não ouvindo resposta, saiu pela casa à procura do marido.

— Elisário. Ah! Não está ouvindo eu chamar?

— Mulher, Manoel estava mexendo em nossas coisas.

— E o que isso tem demais?

— Ora! Ele encontrou aquela bolsa de pai. Agora sabe de tudo!

— Vixe ! E foi?

— Foi.

— Mas naquele jornal velho só diz que ele foi assassinado. Não tem detalhes. E, pensando bem, talvez seja o tempo de você falar essa verdade aos meninos. Tanto já passou. Não temos mais o que temer. As coisas mudaram, homem.

— Nada mudou pra quem é preto e pobre, Fátima. Aqui nessa terra, nada mudou.

— Não é bem assim.

— Não? E desde quando você vê gente nossa vencer causa contra gente grande?

— A justiça tarda, mas não falha!

— Não me venha com esse discurso. Nós sabemos que a justiça não serve pra gente. Nós sabemos!

Manoel ouviu as vozes em discussão e tentou ouvir algo pela janela do quarto, mas não conseguia decifrar, seus pais sussurravam.

— Elisário, calma. Não faça nada agora então. Se você não quer falar sobre isso com os meninos, tudo bem, respeito, mesmo pensando diferente. Guarde essa bolsa. E venha me ajudar que vim aqui foi chamá-lo pra debulhar milho, pois os meninos estão ocupados. Vamos ocupar a mente. Depois você resolve o que fazer.

Sr. Elisário colocou a bolsa em uma gaveta do mesmo guarda-roupa e foi até a cozinha. Debulhava o milho com tanta força e rapidez que parecia uma máquina. Não sei se dava conta dos próprios pensamentos. Ao que tudo indica, Manoel havia mexido em uma força estranha adormecida!

CAPÍTULO 10

# Silêncio e Agonia

Se alguém pudesse adivinhar os pensamentos do rapaz Manoel que olhava para longe...

Olhava para o incerto.

Estava encucado com o que havia descoberto.

Sentou em um lado da calçada de sua casa. Após cinco minutos se levantou.

Andou de um lado para outro até que disparou a correr. Correu, correu, correu.

Correu seguindo uma trilha que iniciava no terreiro de sua casa. Correu ofegantemente. Mesmo de alpargatas e certamente com tocos e pedras passando pelos pés nada impedia sua rapidez. Logo o suor o banhava. Também, com um sol daqueles, no final de uma manhã sertaneja, pudera!

A partida teve fim aos pés de um juazeiro, grande, robusto, com sombra suntuosa. Manoel

agarrou-se ao tronco desta árvore como se fosse um velho conhecido, mal dava conta de respirar. Há poucos metros estava a casa de sua madrinha de batismo, Tetê, grande amiga de seus pais. Amiga de longas datas. Manoel tentava controlar a respiração, secou o rosto com a parte da frente da camiseta e bateu à porta:

— Ô de casa!

Ninguém respondeu.

— Madrinha? Vou entrando.

— Opa! Manoel!

— Sua bênção, madrinha!

— Deus o abençoe, meu filho!

— A senhora está ocupada? Podemos conversar um instante?

— Ocupada eu estou sempre, viu! Mas deixe só eu fechar uma torneira. Venha aqui.

Os dois seguiram para uma varanda que ficava na lateral da casa.

— Quem diria que um dia eu ia ver água saindo pela torneira na minha casa!

— Parece ser uma coisa tão simples.

— Hoje, Manoel. Hoje!

— E como era no passado?

— Vixe! Isso seu pai deve ter lhe contado pra mais de mil vezes, não é?

— Sim, ele contou uma parte. Outra eu vim aqui saber da senhora!

— Oxe! Que semblante é esse? Que conversa é essa?

— Madrinha, por que o pai escondeu da gente sobre a morte de meu vô Raimundo?

— Como?

— Eu já sei de tudo. Sem querer descobri.

— O quê?

— Que o vô Raimundo foi assassinado.

As rugas do rosto de Tetê pareciam ter se multiplicado naquele instante. Tirou os olhos da visão do afilhado e ficou de costas para ele.

— Vamos madrinha! Me diga! O que houve? Por que fizeram isso com ele? Por que o pai nunca falou isso pra nós?

— Manoel você está mexendo numa ferida que é de tanta gente...

— Como assim?

— Por que você faz tanta questão de saber essas coisas. Seu avô está morto. Isso faz tanto tempo. Você era só um menino, nem sei se tinha sete anos.

— Madrinha, isso é a minha vida também!

— Não é justo com a dor de seu pai mexer com isso agora.

— Que dor? A dor de perder meu avô? Eles nunca se deram bem. Mal se falavam, madrinha!

— Alto lá! Tinham suas diferenças, sim, mas se respeitavam caso o contrário...

— O quê?

— Caso o contrário... Ora! Manoel, me deixe! Não me peça algo que não posso lhe dar.

— Eu não posso ficar com isso engasgado!

— Pois pergunte ao seu pai. Se ele quiser falar sobre isso...

— Meu pai? Ele teve a oportunidade hoje e não fez?

— Como assim?

— Mais cedo eu encontrei uma bolsa velha e nela havia uns papéis, uma carteira do sindicato dos trabalhadores rurais do pai, antiga, e um jornal bem velho.

— Sim. E aí?

— Nesse jornal tinha uma nota em que falava da morte do vô Raimundo.

— Ele era muito conhecido. Era nossa voz em muitos encontros. Até em Brasília ele já foi, sabia?

— Foi mesmo? Não, não sabia. E representava vocês em quê?

— Sim, viajou algumas vezes. Deu muita entrevista pra jornal, pra rádio.

— Sim. Do Sindicato. Era outro tempo, Manoel. Muitos tecidos foram rasgados até você ser livre para falar o que quer. Nossa! Ralamos muito!

— Mas, por que matariam o vô?

— Olhe. Compreendo sua curiosidade. Mas não posso...

— Curiosidade!!! Não se trata de curiosidade! Por toda a vida eu sabia que meu avô havia morrido de infarto. De repente descubro que não foi nada disso. Percebo que todos esconderam essa verdade e a senhora vem me dizer que sou curioso??!

Manoel ficou muito enfurecido.

— Meu querido, não fique assim! Respeite os sentimentos de seu pai.

— Madrinha, meu pai tem alguma coisa com esse assassinato?

— Não pense isso nem em voz baixa, Manoel?

— Posso pensar o que quiser!

— Não senhor! Venha cá. Olhe pra mim!

Tetê puxou o afilhado pelo braço e olhou bem firme para ele.

— Seu avô foi um dos homens mais dignos que conheci. Seu pai é um dos homens mais dignos que conheço. É pra se orgulhar de onde você saiu, moleque!

Uma lágrima caía sem querer pelo rosto de Manoel. Sua madrinha lhe lançara um olhar impiedoso e extremamente forte.

— Não julgue o que você não sabe. Você está me ouvindo? Não julgue!

— Pois madrinha, lhe peço que me conte o que houve? Que segredo é esse?

— Não há nenhum segredo. Acredite. Não há mistério algum. Só posso lhe dizer que seu pai preferiu não contar essa verdade, por aqui, para se proteger e, principalmente, para proteger vocês.

— De quê?

— Agora chega!

Tetê virou as costas para o afilhado e seguiu para a cozinha. Sentou-se e pôs as mãos na cabeça. Manoel seguiu sua madrinha.

— Desculpe. Não queria perturbá-la. Desculpe. Tá certo, a senhora deve ter seus motivos para não me falar. Mas vou descobrir. De um jeito ou de outro vou descobrir.

— Tá com fome? Quer almoçar?

Manoel abraçou-a, tomou a benção e partiu. Correndo. Desenfreadamente. Com a mesma angústia que o levou até lá, se não maior. Em um momento desequilibrou-se, tropeçou uma perna na outra e caiu. Deu um mergulho no chão de terra batida, arranhando o queixo e parte do peito. Ali mesmo ficou. Virou, olhou pra aquele sol torrão e gritou alto! Permaneceu no chão, por um instante, até se incomodar com a claridade proporcionada pelo sol. Levantou-se muito lentamente, reclamando das dores pelo corpo. Estava bem bagunçado. Bagunçado geral: corpo e alma.

— Êita! Que diabos foi isso! Levanta homem!

Sussurrava a si mesmo, batendo a poeira da roupa. Aos poucos, foi se recompondo e retomando os passos. Seguiu caminhando devagar, olhando para os lados, olhando para baixo, chutando pedras até chegar em casa. Seguiu direto ao banheiro ao perceber que todos estavam na cozinha. Já se passava das treze horas.

— Mãe, entrou alguém aqui.

— Não ouvi barulho, mas olhe ali se não é seu irmão?

— Vou com você, Manoela.

— Manoel? É você?

— Acho que tá no banheiro.

— Rapaz, é você?

— Sou eu, sim.

— Por onde andou? Estávamos preocupados.

— Vou já!

— Eu disse que não tinha nada demais.

— É Manoela, você disse. Mas alguma coisa aconteceu, isso sim. O pai tá muito estranho.

— Isso é!

— Deixem de trololó. Vou já.

Marcos e Manoela seguiram para o quarto deles.

— O que você acha que aconteceu?

— Não faço ideia, Manoela.

— Vocês conversaram alguma coisa que eu não sei?

— Não. E vou na cozinha avisar a mãe.

— Mãe – gritou Marcos

— Está tudo bem, é o Manoel.

— Ah! Graças a Deus! – correu dona Fátima.

— Onde está ele?

— No banho, maínha. Não se preocupe vamos já ajudá-la na canjica. Vá!

— Quero falar com ele. Manoel, meu filho, espero você na cozinha.

— Tá certo, mãe. Vou já.

— Não demore!

— Certo.

Manoela e Marcos ficaram na porta do banheiro esperando o irmão.

— Ô banho demorado, homem!

— Oxe! É só um banho! – resmungou Manoel, ao abrir a porta enrolado em uma toalha.

— O que houve?

— Fale alguma coisa?

Manuela e Marcos metralharam o irmão de perguntas. Estavam realmente aflitos com aquele silêncio.

— Você está machucado, Manoel?

— Não foi nada demais.

— Onde você se machucou?

— Caí de mal jeito. Nada demais, já disse!

Os três entraram no quarto, aquele lugar— esconderijo, onde eles trocam de tudo.

— Pessoal, é o seguinte... eu descobri uma coisa pela metade – falou Manoel

— Valha! Como é isso? Uma coisa pela metade? Um bicho sem calda?

— O caso é sério, Marcos, veja a cara dele.

— É sério mesmo, Manoela!

— Então fala logo que eu estou para pôr um ovo de curiosidade!

— É o seguinte, hoje cedo eu encontrei um recorte de jornal nas coisas do pai.

Marcos o interrompeu:

— Você estava mexendo nas coisas dele?

— Não, não estava mexendo, foi sem querer.

— Não interrompa, Marcos. Continue, Manoel.

— No recorte de jornal estava escrito que nosso avô Raimundo foi assassinado.

— Como?

— O que disse?

— Também fiquei chocado ao ler!

— Mas quem poderia ter feito isso?

— E por que aqui em casa a história era outra?

— Essas perguntas estão martelando na minha cabeça que chega a doer.

— Meninos, estou assustada com isso. Coitado do nosso avô!

— Misericórdia!

— O pai desconversou e quase me engole quando me viu lendo o jornal.

— Vixe! Ele o viu, foi? E aí? Quis matá-lo?

— Quis. Com os olhos. Muita raiva. Mas desconversou e saiu. Ou melhor, fugiu da raia.

— A mãe está sabendo?

— Sim, Marcos. Ela viu o final da cena.

— Gente, mas o que poderá haver por trás desse não dito?

— Manoela, eu não sei. E procurei a madrinha Tetê pra ver se ela me dizia algo, mas a única coisa que ela me disse é que não tinha segredo nenhum, que o pai quis nos proteger.

— Proteger? De quê?

— Ou de quem, Marcos?

Manoel ao se vestir – segurando-se na toalha para que a irmã não o visse sem trajes – discutiu com os irmãos algumas hipóteses e formas de descobrir o real motivo da morte do avô deles. Manoela ficou bem pensativa. Marcos estalava os dedos, observando os movimentos de seu irmão.

— Manoel, filho, você sumiu toda a manhã? E está machucado! O que aconteceu?

Dona Fátima entra no quarto e abraça o filho.

— Só fui espairecer um pouco.

— Filho! Melhor cuidar desse machucado.

— Não carece.

— A gente já está sabendo, mãe.

— Sabendo...

— Manoel nos contou sobre o que leu no jornal.

— Mãe, nos conte a verdade. Por que mataram nosso avô?

— Meus filhos.

Houve um silêncio. Aquela mãe não sabia ao certo se acabava com a angústia dos filhos ou se preservava a promessa que havia feito ao marido tantos anos antes.

— Já cheguei a pensar que o pai tem alguma coisa haver com isso.

— Não. Não pense assim, Manoel! Seu pai os protegeu esse tempo todo. Eu juro! Não faça mal juízo dele, meu filho!

— E o que a gente há de pensar, mãe? – perguntou Manoela.

— É mãe! A gente só há de pensar que algo muito cabeludo está por trás.

— Não há nada cabeludo, acreditem em mim!

— Mãe, pois nos dê a possibilidade de tirarmos nossas próprias conclusões. Sem sabermos a real motivação do assassinato de nosso avô, nossos pensamentos voam.

— Meus amores! O que posso lhes dizer é que o pai de vocês fez de tudo para que nada de ruim lhes acontecesse, também. Compreendem?

— Seja mais clara, maínha! Acalme nossos corações!

Dona Fátima abraçou fortemente Manoela. E depois Marcos. Manoel não aceitou o abraço, se esquivou.

— Vou conversar com Elisário. Vou conversar.

— Isso significa que se a gente quiser saber mesmo o que houve que vá atrás – retrucou Manoel.

A mãe não insistiu e saiu à cozinha. Os filhos permaneceram no quarto-refúgio.

Um novo silêncio se fez entre eles. Coisa complicada de se explicar: um segredo que se quer guardar! Difícil para os três irmãos compreender o que estava acontecendo se parte dos fatos estavam encobertos.

— Manoel, você tem em mente como vamos fazer para descobrir o que realmente aconteceu? Sim, porque eu tô curiosa demais. Na verdade, não é nem curiosa, é agoniada!

— Por que não esperamos a mãe falar com o pai?

— Esperar? Ah, não, Marcos! Esperar que nada!

— Bem, eu acho que podemos conversar com Sr. Vieira, ele certamente sabe de alguma coisa, compadre dos nossos pais, do sindicato até hoje. Possa ser que ele faça como a mãe e a madrinha, se cale, mas vamos tentar, uma hora alguém abre o jogo.

— Manoel, por que você chegou a pensar que o pai tem alguma coisa com isso?

— Ora! Não sei bem o que ele tem a ver, mas me diga pra que tanto mistério?

— Verdade!

— E eles não se davam bem. E isso nunca foi escondido de nós. Todos sempre contaram sobre suas desavenças.

— Então, tive uma ideia: amanhã vamos buscar

as bicicletas de vocês, aí a gente procura o Sr. Vieira e tenta arrancar ao menos uma pista!

— Boa, Manoela!

— Sim, e temos que levar as verduras mesmo!

— Isso, Marcos, vamos de Van e voltaremos de bicicleta.

— Fechou!

Os três irmãos passaram toda a tarde entre o quarto-esconderijo e a cozinha. Bem, só Manoel que não saiu do quarto de jeito nenhum. Dona Fátima levou canjica para eles. Manoel e os irmãos comeram aquele mingau de milho bem quente. Quente como o conforto da mãe deles. Ela sabia bem como ganhar sorrisos dos filhos. Sabia bem como amenizar os problemas da família.

Já no final da tarde, Manoela e os irmãos planejaram como seria o dia seguinte:

— Vamos sair bem cedo! – disse Manoel.

— Entre seis horas e seis e meia a Van passa na pista. Já devemos estar lá nesse horário.

— Então, cinco horas levantou, se arrumou e partiu!

— Partiu pra onde, Manoela? – dona Fátima perguntou à filha.

— Amanhã vou acompanhar os meninos na venda dos legumes, mãe.

— Ah! Que bom vê seu interesse minha filha, mas amanhã é seu pai quem vai levar?

— Por quê?

— Ele me disse que vai aproveitar para ir ao banco. Então se ele vai, vocês não precisam ir.

— Vixe!

— O que foi?

— Amanhã íamos aproveitar para pegar nossas bicicletas.

— Ficaram na casa? Posso falar com o Elisário para ele trazê-las amarradas na Van, aí vocês pegam lá na cancela.

— Não mãe, não está na nossa casa. Está na casa da Lúcia. O pai nem sabe onde fica.

— Bom, sendo assim, iremos todos! Porque amanhã não quero ficar sozinha aqui!

Os irmãos se olharam. Não sabiam se riam ou se choravam. Estavam decididos a descobrir novos fatos sobre a morte do avô, mas parece que os obstáculos estavam apenas começando...

— Mãe, a senhora vai outro dia!

— É mãe! – confirmou Marcos.

— A mãe vai se cansar.

— Cansar? Eu? Por acaso vocês não querem minha companhia?

— O que é isso mãezinha!

— Olhe Manoela, qual foi a última vez que saímos todos juntos?

Manoel só observava.

— Verdade!

— E vocês sempre cobram isso. De sairmos juntos!

— Está bem, mãe! Com uma condição.

— Condição? Ora, mas vocês estão muito importantes, Marcos!

— Que a gente almoce a panelada da dona Chichica! Vamos almoçar fora!

A risada foi geral!

— Só você Marcos! – disse Manoel.

— Meu filho, com essa condição eu assino embaixo!

— Ô coisa boa!

— Mãe, com aquela canjica todo mundo está satisfeito. Não se incomode com jantar hoje não.

— Ótimo, Manoela, quem sentir fome tem leite e ainda canjica.

— O pai apareceu?

— Sim. Está lá fora, descansando. Já comeu canjica.

— Eu vou lá – disse Manoela.

— Não toque no assunto.

— Certo, Manoel. Até porque o dia está acabando e é bom uma paz pra dormir e amanhã dar tudo certo, né mãe?

— Muito bem! Meninos, vocês aproveitem para embalar os legumes, do jeito de sempre, pacotes de meio quilo e de um quilo, misto e inteiro.

Manoela chegou com mansidão na calçada de casa. Sentou-se do lado do pai, fez nele um carinho nas costas e depois encostou a cabeça na perna dele. Mais um pouco e passou o braço do pai sobre o ombro dela. Sr. Elisário não resiste ao amor ofertado por Manoela. Recebe. Agradece com um olhar forte. Ali permaneceram até enxergarem as milhares de estrelas de um céu sertanejo que naquela noite não viu lua.

— Pai, quando o senhor era criança gostava mais do dia ou da noite?

— Do dia.

— Por quê?

— A noite é traiçoeira. Não se enxerga de tudo. A rasteira pode ser grande.

— Isso é. Mas a noite é do descanso. Do silêncio. Do acalanto no coração. E dessas estrelas! Veja! Como descrever isso que estamos vendo?

— Manoela você é cheia de poesia, minha filha!

— Sou?

— É!

— Então eu puxei isso de você!

— Vixe! Nem se eu nascesse de novo!

Manoela levantou-se. Fez um outro carinho nas costas do pai, mirou o céu, ergueu a mão esquerda e disse:

— Sabe de onde eu vim, pai?

Sr. Elisário não respondeu.

— De mãe e de você, pai. E de você!

CAPÍTULO 11

# Tudo tem história

Eram cinco horas da manhã quando Marcos, Manoel e Manoela se levantaram. Aquela hora dona Fátima já estava arrumada e fazendo um café. Sr. Elisário já havia tirado o leite das vacas com a ajuda do Quindim, menino roliço que vez ou outra aparecia na fazenda em busca de comida. Quindim ia até lá, comia e se mandava.

— Fátima, é bom chamar os meninos.

— Eles já se levantaram. Chegam já por aqui para tomarem café.

— O leite ferveu?

— Sim.

Aos poucos, os filhos foram chegando à cozinha. Já prontos para irem à cidade. Cada um tomou café puro, lavou a xícara e seguiram para fechar portas, janelas, pegaram os caixotes com os legumes e os levaram nas costas até a rodovia, onde pegaram

o transporte. Aquela ida e vinda entre cidade e fazenda já estava decorada por eles. Mas o vento que chega aos rostos vem sempre renovado.

— Chegamos!

— Mãe, nós vamos descer aqui na parte de cima mesmo – afirmou Manoel.

— Precisamos descer no centro, filho.

— Já que hoje não vai ter venda em domicílio, é só para entregar no mercado, o pai pode deixar a caixa lá e nós vamos buscar as bicicletas, pode ser?

— Dá certo sim, não é mesmo Elisário?

O pai balançou a cabeça confirmando.

— Nós vamos descer na Caixa D'água, por favor – disse Marcos ao motorista.

— Olhem, seu pai depois do mercado vai pro banco ficar na fila para ser atendido quando abrir. Eu vou resolver outras coisas, vou na farmácia e na mercearia. Então a gente se encontra lá...

— Na panelada! Não esqueceremos, jamais!

— Isso, Marcos.

— Caixa D'água. Quem desce?

— Nós!!!

— Tchau. Tchau

Os irmãos pularam daquela Van apressados para que não desse tempo de haver mais algum obstáculo à busca de informações. Andaram apressadamente até a casa de Lúcia.

— Lúcia! – gritou Manoel, olhando pelas brechas das venezianas da porta.

— Lúcia!!! – gritou mais alto Marcos.

— Oi! Já vou!

Lúcia abriu a porta.

— Nossa!!! Que demora, meninos! Oi Manoela, tudo bem?

— Oi! Tudo!

— Desculpe aí! Tivemos uns imprevistos.

— Vocês nem para mandarem um sinal de vida desde aquele dia!

— Lúcia, aconteceram algumas coisas. Depois lhe explico com calma. Ficamos sem internet esses dias também, aí já viu, né? – explicou Manoel.

— Espero que nossas bicicletas não tenham atrapalhado! Marcos disse.

— Nada! O problema é que fiquei sem saber se vocês conseguiram subir no Quinamuiú. Se deu tudo certo? Fiquei realmente preocupada!

— Foi mal! – disse Marcos.

— Deu sim. Foi lindo! Você e Manoela estão convidadas a subirem com a gente na próxima vez.

— Topo demais. Vou cobrar, Manoel!

— E eu também!

— Lúcia, obrigado por nos ajudar. Sei que temos nossa casa, mas além de ser mais distante, não faço muita questão de ir lá!

— Eu sei Manoel, não se preocupe com isso. Fico feliz que vocês estejam bem! Vamos entrar?

— Sim, mas só para pegar nossas magrelas.

— Tem legumes para vender!

— Hoje não. É que temos uma missão importante na casa do Sr. Vieira.

— Missão?

— Depois lhe conto tudo, prometo, mas temos que correr contra o tempo agora!

— Está bem, pois vão até o quintal pegar as bicicletas.

Marcos e Manoel entraram enquanto Manoela ficara na calçada. Foram bem ágeis porque tinham pressa.

— Obrigada, Lúcia! Devo mais uma a você.

— De nada! Deve mesmo, vou cobrar com esclarecimentos sobre essa missão!

— Até mais ver!

— Sim, faltam cinco dias para a volta às aulas. Estão preparados?

— "Tô que tô!"

— Imagino mesmo! Se não nos virmos mais, então, até segunda-feira!

— Até!

Lúcia se despediu dos amigos. Os três irmãos subiram e desceram ladeiras até chegarem à casa de Sr. Vieira, cinco quarteirões da casa de Lúcia.

— É ali?

Marcos apontou para uma casa pequenina pintada de verde com porta e janela marrom. Havia um senhor sentado numa cadeira de balanço aproveitando a sombra do pé de Nin.

— Sim. É ali?

— O que vamos perguntar ao Sr. Vieira, Manoel?

— Sinceramente, não sei por onde começar, Manoela. Mas acho que iremos direto ao ponto!

Os três foram se aproximando.

— Bom dia!

Cumprimentaram o senhor na calçada que os olhou e respondeu com muita dificuldade.

— Dia! O que desejam?

— O Sr. Vieira está? Gostaríamos de falar com ele.

— Sim. Podem entrar. Ele está lá dentro.

— Obrigada – disse Manoela.

— Sr. Vieira! Estamos entrando...

Os irmãos entraram em fila, passaram pelo longo corredor até chegarem à cozinha.

— Opa! Que boa os trazem aqui? Se cheguem que estou numa lida danada, limpando esse quintal!

Manoela foi a primeira a descer o batente que interliga a cozinha ao quintal. Marcos sentou-se em um dos degraus e Manoel foi até o Sr. Vieira e apertou-lhe a mão!

— Desde aquele dia não nos vimos mais. E deu tudo certo? Chegaram em casa bem?

— Sim. Obrigado.

— Só o Manoel que calejou os pés! – brincou Marcos

— Ah! Se foi só isso está bom demais!

— Sr. Vieira, nós viemos aqui pra falar um assunto sério com o senhor!

— Mesmo? Me digam, do que se trata?

— Sobre nosso avô Raimundo. Como ele morreu?

— Rapaz! Que pergunta é essa?

— Nós já sabemos que não foi infarto. E o suplicamos pela verdade. Nossos pais não nos contam de jeito nenhum.

Sr. Vieira largou a enxada da mão, enxugou o suor na camisa, bebeu água e sentou-se.

— Sr. Vieira, a mãe disse que não há nenhum motivo pra gente se preocupar, que não há mistério nenhum, mas veja, por que não podemos saber a verdade?

— Estamos muito agoniados, Sr. Vieira. Nos diga a verdade?! – suplicou Manoela.

— Eu vou pegar meu pai e volto já!

Sr. Vieira não respondeu às perguntas e seguiu para a calçada de sua casa. Chamou seu pai, o Sr. Cícero, ajudou-o a levantar-se e a dar os primeiros passos. Devagarinho atravessaram o corredor, desceram a escada de seis degraus com a ajuda de Marcos e se sentaram em bancos que ficavam no quintal.

— Venham Marcos e Manoela, sentem-se aqui.

— Por favor Sr. Vieira, nos ajude!

— Sim. Percebo a aflição de vocês. O Sr. Rai-

mundo morreu muito cedo. E isso poderia ter acontecido com esse meu velho aqui! Hoje com 82 anos de uma vida digna!

— Explique melhor!

— Pai, vamos contar um pouco daquela história sua para esses netos de Raimundo?

Nesse instante, Sr. Cícero fixa o olhar em Manoela e deixa cair uma lágrima pelo rosto. O que simplesmente causou uma grande emoção em todos.

— Eu estou a cada minuto mais confuso! – disse Manoel.

— Pai, peço licença ao senhor para falar sobre coisas dolorosas, mas que são necessárias, tudo bem?

— Sr. Vieira balançou a cabeça confirmando.

— Meninos, o segredo meu compadre guardou durante todo esse tempo por medo.

— Medo? De quê?

— Medo de que acontecesse com vocês e com a gente, aqui em casa, o mesmo que aconteceu com o Sr. Raimundo.

— O avô de vocês, vosso pai, eu, meu pai e mais outros trinta sindicalistas sofremos o "pão que o Diabo amassou" nessa cidade há anos atrás. Quando fundamos o Sindicato dos Trabalhadores Rurais com ajuda do padre Zezinho muitos sujeitos da região se armaram contra a gente.

— Por quê? – indagou Manoela.

— Nos unimos para compreender e exigir melhor nossos direitos como cidadãos e isso incomodou tanto!

— Como assim?

— Por exemplo, tinha latifundiário que queria cobrar uma taxa mensal dos pequenos produtores que plantavam às margens do açude Floresta. Eles alegavam que os agricultores, entre eles o pai e o Sr. Raimundo, estavam produzindo em terras particulares, quando na verdade o açude era e é, público, construído na década de cinquenta com verbas federais.

— Nossa!

— Então vocês imaginem: de um lado essa nossa gente simples que queria plantar para sobreviver

e do outro, grandes fazendeiros, apoiados pela polícia e pelo prefeito. Foi disputa injusta!

— Sim, agora as coisas começam a fazer sentido! – disse Marcos.

— Isso numa época que não havia essas mídias todas para fazer denúncias como vocês têm agora. Nossa sorte eram os contatos que o padre fazia com gente de Fortaleza e Brasília. Na época passou em Tauá um jornalista, chamado Carlos Alberto, que fez várias entrevistas e fotos com a gente, mas o padre nos dizia que quando ele chegava em Fortaleza o chefe dele, no jornal, barrava muito as informações, melhor dizendo filtrava as informações. Uma matéria de página inteira virava só uma notinha pra passar despercebida.

— Como a nota da morte do vô Raimundo!

— Sim! Você viu onde esse jornal, Manoel?

— Nas coisas do pai. Lá em casa.

— Hum... não imaginava que ele ainda teria alguma coisa guardada.

— Ele guardou esse jornal e carteirinha dele do sindicato.

— Pois bem, nós organizávamos reuniões toda semana. Aqui em Tauá, nos distritos. E isso incomodava os fazendeiros. Ainda havia aqueles que espalhavam por aí que nós éramos comunistas que lutavam pela reforma agrária e que se não fosse feito alguma coisa para impedir, muita gente perderia suas terras pra nós...

— Meu Deus! Que maldade!

— Por isso ganhamos a antipatia de muitos. Falávamos sim sobre reforma agrária, mas aqui poucos sabiam o que realmente era uma reforma agrária.

— E de fato, do que se trata? – indagou Manoela.

— Reforma agrária?

— Sim?

— Em poucas palavras seria uma ação do Estado para reorganizar a distribuição de terras.

— Mas, Sr. Vieira, nos explica a morte do vô?

— Pois bem! Papai e Sr. Raimundo recebiam ameaças quase que diariamente, não era papai?

— Era. Recebia recado dos grandes por intermédio de seus funcionários.

— E como eram esses recados?

— Marcos, cada vez era um recado diferente, "Se não se calarem perderão a voz" ou "Vocês não sabem com quem estão se metendo" ou "Se tem amor à família vão embora", essas coisas...

— Foi mesmo Sr. Vieira?

— Sim. Era muita pressão. Esse velho aqui e vô Raimundo são muito respeitados porque nunca se curvaram.

— Tinha muita gente miserável por aqui. Alguma coisa tinha que ser feita. Era muita fome! Crianças morriam de fome!

— Verdade, Sr. Cícero?

— Sim... verdade!

— Um dia estávamos reunidos no Carrapateiras e quando acabou nossa discussão, almoçamos na casa de Joana e seguimos pra Tauá de bicicleta. Cada um numa bicicleta. Acho que éramos umas sete pessoas: eu, pai, Elisário, Sr. Raimundo, Maria das Dores, Chico das celas e... Chico Rufino, pronto, éramos nós. Era um dia de domingo. Usávamos muito os domingos pra fazer esses encontros.

— E o que aconteceu?

— Então, quando tínhamos passado de Alto Alegre...

A voz de Sr. Vieira ficou embargada. Ele balançou a cabeça.

— Quando passou ali de Alto Alegre, foram muitos tiros, muitos disparos contra nosso grupo. Não sabíamos em que direção vinham as balas. Foi tudo muito rápido. Nossa reação imediata foi cair no chão, tentar se safar...

— Meu Deus! Que tristeza!

Sr. Cícero estava cabisbaixo. Enxugava as lágrimas com um lenço que tirara do bolso.

— Como pode isso? Que ignorância!

— Maria das Dores foi atingida de raspão assim como eu, até hoje está aqui a cicatriz no ombro, vejam.

Sr. Vieira arregaçou a camisa para mostrar a marca.

— Os demais ficaram ilesos com leves arranhões pelo corpo...

— Leves arranhões pelo corpo e grandes marcas na alma – falou Sr. Cícero.

— Acertaram o vô!

— Sim, Manoel. No peito. Atiraram pra matar.

Os irmãos não contiveram o choro e se abraçaram fortemente.

— Meu Deus! Como puderam fazer isso com nosso vô! – falava repetidamente Manoela.

Manoel e Marcos soluçavam, inconsoláveis.

— E vocês pensam que parou por aí?

— Já chega, Vieira!

— Eles precisam saber, papai!

— Já sabem o suficiente. Estão sofrendo!

— Papai um tempo depois foi preso, levado para uma delegacia em Fortaleza. Ficamos mais de seis dias sem saber o seu paradeiro!

— Vixe! Vi muitas pessoas sendo torturadas. Sofriam muito até falarem o que eles queriam ouvir. De lá pra cá nunca mais eu soube o que é uma noite de sono tranquila. Além dos pesadelos, durmo sob minha vigília.

— O que fizeram com o senhor? – perguntou Marcos.

— Fisicamente, nada. Mas a forma como me interrogaram, o jeito que me olhavam e o medo de ficar lá pra sempre são dores que carrego comigo.

— A Maria das Dores também foi retida e passou uns dez anos respondendo processo na Polícia Federal acusada de liderar um saque ao Armazém de alimentos público. Quando na verdade não houve um líder para aquela ação, centenas de agricultores chegaram a Tauá em busca de comida. Estavam desesperados. Naquele tempo não havia um terço das ações de combate à seca que há hoje!

— Fala para eles sobre os estrangeiros!

— Sim, papai! Havia um casal de estrangeiros que vieram pra cá como missionários da igreja para nos ajudar a combater às injustiças. Eles também receberam muitas ameaças até que partiram de volta pra terra deles com medo de que algo acontecesse com as três crianças que eles tinham.

— Depois desses episódios vocês se afastaram do sindicato?

— Compadre Elisário sim. Nós não. Diminuímos a frequência das reuniões. E também conseguimos apoio para fazermos alguns projetos que foram bem-sucedidos. E passando os anos as coisas foram se acalmando, a liberdade de expressão chegou pra nós também.

— Elisário fez certo. Nós mesmos aconselhamos ele a dar um tempo. Falou manso Sr. Cícero.

— Compadre Elisário batia de frente com o avô de vocês, porque eles tinham maneiras diferentes de atingir um mesmo objetivo. O compadre era adepto de ações mais brandas, dialogadas, o Sr. Raimundo era mais arisco, mais, digamos, intenso!

— O pai? Diálogo?

— A vida mostrou pra Elisário coisas muito difíceis, Manoel. Talvez ele não soube lidar com tudo o que aconteceu. Ou a maneira que encontrou para sobreviver à perda foi o silêncio...

— Quanta covardia! Sr. Vieira, Sr. Cícero, nos desculpem fazê-los relembrar tudo isso, mas não sabíamos a quem recorrer! – falou Manoela.

— Vejam, o compadre Elisário vai ficar muito furioso quando souber que eu lhes contei isso tudo, mas eu acho que vocês deveriam saber, por um grande motivo!

— Como?

— Transformem essa informação em algo útil para a vida de vocês e para a vida do povo dessa cidade! E, por favor, se vocês ficaram indignados, se a chama da justiça acender em vossos juízos, utilizem do bom senso.

— Obrigado, Sr. Vieira! Mas agora nem sei se foi bom ficar sabendo disso tudo!

— Nada como um dia após o outro, Marcos. Deem um tempo.

— Agora vamos indo, que a mãe deve estar nos esperando.

— Fiquem para o almoço. Mando chamá-la!

— Outro dia, obrigado!

Após as despedidas aos senhores Vieira e Cícero aqueles três saíam à rua muito diferentes de como

chegaram ali. Manoel levava Manoela e Marcos seguia na outra bicicleta. Seguiram até o centro da cidade em silêncio. Muito havia pra processar na cabeça de cada um deles, certamente!

Encontraram com a mãe no restaurante.

— Eita que demora!

— Ficamos conversando lá e não vimos o tempo passar.

— Sei! Pois vamos almoçar e seguir para pegar o carro de volta.

— Vamos de bicicleta.

— Dão conta?!

— Sim!

— E o que vocês têm? Estão esquisitos.

— Nada!

— O sol quente!

Sr. Elisário se aproxima.

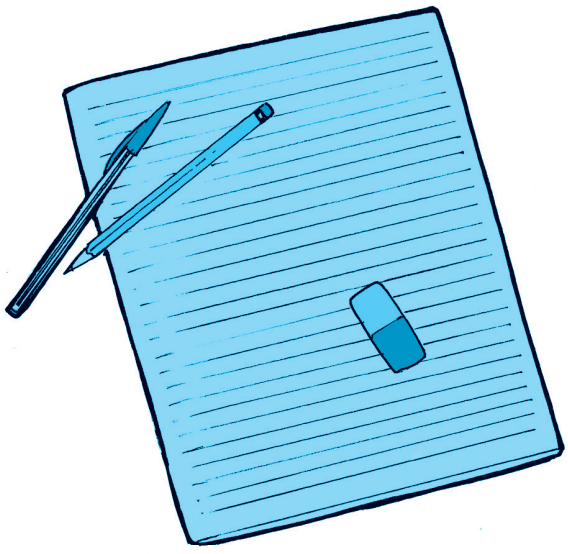
— Resolveram pegar as bicicletas?

— Sim, pai. Tudo certo!

— Bom!

Manoel não conseguiu olhar nos olhos do pai. Marcos ainda trocou algumas palavras com ele. Manoela só observava. Foi um almoço rápido, apesar de gostarem muito de panelada, os irmãos não conseguiram comer como de costume.

Passada a refeição, dona Fátima e Sr. Elisário foram para o ponto de parada do carro que os levaria de volta para casa. Manoel, Marcos e Manoela seguiram de bicicleta, mais uma vez, na mesma rota, como nunca.



CAPÍTULO 12

# Como nossos pais

— Boa tarde, turma!

— Boa tarde!

Respondeu o coro de alunos que retornaram às aulas após trinta dias de férias. Marcos e Manoel estudavam na mesma sala porque Manoel havia repetido ano escolar duas vezes. Estudar não era um encanto para aquele menino.

— Imagino que vocês tenham aproveitado bastante as férias pra fazerem as coisas de que mais gostam!

— Mais ou menos, professora! – falou Manoel.

— Por que mais ou menos?

— No meu caso, e de Marcos nós trabalhamos foi muito!

— Mas fiquei sabendo inclusive que vocês subiram no serrote do Quinamuiú!

— Ah! Verdade!

— Então, isso não me parece com trabalho duro!

— Bem, também tivemos nosso lazer!

— Marcos nos conte um pouco sobre essa experiência?

Tanto Marcos como Manoel relataram a subida ao serrote. Falaram o quanto se espantaram com o lixo que lá encontraram. Do frio na barriga que dá lá em cima! Da exploração de ametista... bem, mas não mencionaram sobre o guardião, reservaram pra si aquele encontro.

— Venham cá, vocês subiram sozinhos?

— Sim.

— Arriscado, não?

— Depois que a ficha caiu foi que pensamos nos riscos, professora. Disse Marcos

— E os pais de vocês, Marcos?

— Bem aí é um caso particular, professora. Melhor não entrarmos em detalhes. Vamos nos expor.

A risada foi geral!

— Seria uma excelente aula de campo!

— Se seria, professora! Biologia, História, Física, Química, Literatura e até Matemática podem ser discutidos lá! “Pode crer”

— Quem sabe! Vou analisar junto com os demais professores dessa turma. De repente poderemos elaborar um termo para os pais assinarem, enfim... burocracias necessárias!

— Sabe, o que mais me deixou indignado foi o lixo e o fato de não haver um cinturão verde em torno do serrote! Aos pés do Quinamuiú tem muitas fezes de vaca.

— Eu não conheço, não tenho nem como dar a opinião! – exclamou Sarah, uma das alunas.

— Então, Sarah, muita gente não conhece, ou por medo, ou por não se importar de fato com o que é nosso!

— Manoel, a fala de vocês está me deixando curioso! – disse Joaquim.

— Oi?

— Isso mesmo! Pra que subir neste serrote? Pra que tanta discussão? Estamos é perdendo aula!

— Você é ridículo, Adalberto!

— Não, Sarah! Ridículos são vocês discutindo sobre o serrote!

— Ai professora, mais um motivo para senhora fazer a aula de campo!

— Adalberto, muito mais importante do que conteúdo é ação! O saber só faz sentido se servir para algo! E é nesse instante que eu declaro aberta as inscrições de candidatos a líder de sala!

— Já, professora?

— Que tal descruzarmos os braços, Marcos! Quem de vocês gostaria de ser o líder de sala e trabalhar para que nossa dinâmica aqui seja a melhor possível?

Um doce para aquele que adivinhar quem levantou o braço!

## Dauana Vale

Oi! Sou Dauana Vale, nasci na cidade cearense de Tauá, em setembro de 1981. Moro em Fortaleza. Sou escritora, psicóloga, mestre e pesquisadora. Desde 2013 me dedico ao estudo da narrativa para crianças e jovens e, com muito prazer, lhe apresento meu primeiro infantojuvenil. Desejo que através da leitura deste livro você embarque num outro tempo repleto de significados.
A gente pode se encontrar no Instagram: @ entrelinhas.literatura .
Fotografia de Douglas Chaves.

## João Bosco

Nasci na cidade de Santo André, São Paulo, no dia 4 de julho de 1981. Moro em Fortaleza, Ceará, desde 1994. Sou ilustrador há 20 anos para diversas mídias como quadrinhos, jogos, revistas e livros. Ilustrar histórias para mim é a oportunidade de criar mundos novos e, também, contribuir com textos para que possamos contemplar e entender o mundo real através da fantasia. E ainda ilustro para me divertir e divertir quem aprecia minha arte. Por fim, ilustro para inspirar as diversas gerações. Tornei-me ilustrador por apreciar grandes artistas e grandes histórias, então desejo que esse ciclo sempre se renove.